

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES ♦ DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 ♦ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 ♦ OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

O AEROPORTO ESTÁ EM CONSTRUÇÃO E A PONTE SOBRE O GUADIANA VAI SER UM FACTO

O II Salão Algarvio de Arte Fotográfica realiza-se em Junho

PROMOVIDO pelo Circulo Cultural do Algarve, vai realizar-se de 1 a 30 de Junho, o II Salão Algarvio de Arte Fotográfica, o qual estará patente no salão nobre da Câmara Municipal de Faro. A ele podem concorrer fotógrafos amadores e profissionais que apresentem trabalhos inéditos respeitantes ao Algarve.

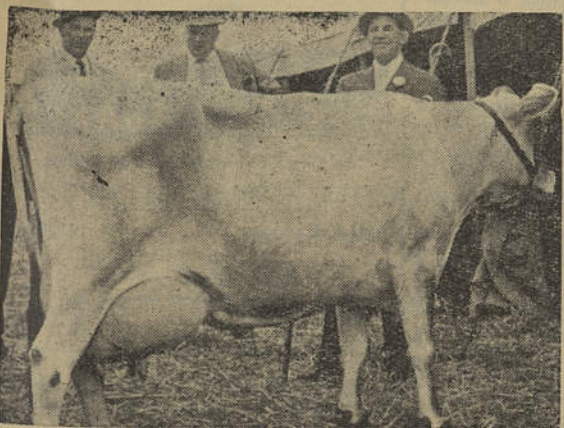
São admitidos 3 grupos de fotografias: 1.º, provas a preto e branco; 2.º, provas a cores e 3.º, diapositivos a cores, distribuídos nas secções: a) moínhos e azenhas; b) artesanato; c) pesca do atum, fumas e aspectos da costa; d) tema livre sobre motivos algarvios.

Cada concorrente pode apresentar o máximo de 5 provas a preto e branco, 5 provas a cores e 5 diapositivos em cada secção do Salão. As provas deverão ter dimensões compreendidas entre 30x30 cm. e 40x50 cm. para o preto e branco, e 18x18 cm. e 40x50 cm. para as provas a cores, e os diapositivos deverão ter montagens nos formatos 5x5 cm. e 7x7 cm.

Cada fotografia deverá trazer no verso em letra bem legível, as seguintes indicações: a) pseudónimo do concorrente; b) título e número do trabalho de acordo com o boletim de inscrição; c) secção a que se destina e local onde foi obtida.

(Conclui na 5.ª página)

AS VACAS PRETAS E BRANCAS QUASE DESAPARECERAM DOS PRADOS ALEMÃES



Uma vaca da raça Jersey

LEER — Quem há alguns anos viajava pela região exclusivamente agrícola entre o Weser e o Ems, via em quase todos os prados as vacas pretas e brancas, com características da criação de gado na Alemanha. Quem hoje viajar de olhos abertos por esta região entre Bremen, Oldenburg, Leer e Osnabrück notará um panorama completamente diferente. As vacas pretas e brancas desapareceram quase por completo. Vêm-se vacas menos pesadas, castanhas e brancas, de cabeças pequenas. São vacas da raça Jersey que têm a sua origem na Ilha de Jersey. Na Nova Zelândia esta raça representa 85% de todo o gado bovino, nos Estados Unidos vivem 2,5 milhões. Esta raça também prevalece na Escandinávia. Desde 1957 para cá pecuaristas da região do Ems lançaram-se numa experiência que veio a ter resultados altamente interessantes. Importaram vacas da raça Jersey, das quais se afirmava no estrangeiro que eram as de maior rendimento do Mundo. Se bem que os lavradores alemães se acostumaram a custo à nova raça, não deixaram de se impressionar ante o rendimento surpreendente. Pouco a pouco foram desaparecendo em certas regiões as vacas pretas e brancas que, aliás, ainda per-

ceram quase por completo. Vêm-se vacas menos pesadas, castanhas e brancas, de cabeças pequenas. São vacas da raça Jersey que têm a sua origem na Ilha de Jersey. Na Nova Zelândia esta raça representa 85% de todo o gado bovino, nos Estados Unidos vivem 2,5 milhões. Esta raça também prevalece na Escandinávia. Desde 1957 para cá pecuaristas da região do Ems lançaram-se numa experiência que veio a ter resultados altamente interessantes. Importaram vacas da raça Jersey, das quais se afirmava no estrangeiro que eram as de maior rendimento do Mundo. Se bem que os lavradores alemães se acostumaram a custo à nova raça, não deixaram de se impressionar ante o rendimento surpreendente. Pouco a pouco foram desaparecendo em certas regiões as vacas pretas e brancas que, aliás, ainda per-

(Conclui na 12.ª página)

Na quarta-feira chegam a Monte Gordo os concorrentes do "Rally" Internacional Algarve-Estoril

Na quarta-feira à noite chegam a Monte Gordo os concorrentes do X «Rally» Internacional do A. C. P. (Algarve-Estoril), os quais realizam uma prova complementar na Estrada da Mata, partindo no dia seguinte para Sagres e efectuando no percurso uma prova de pericia na Praia da Rocha.

Os concorrentes, portugueses, espanhóis, franceses e luxemburgueses, são em número de 44 e partem de Lisboa, Porto, Barcelona, San Sebastian e Sevilha concentrando-se na manhã de quarta-feira em Madrid, de onde será dada a partida, fazendo-se a entrada no Algarve pela estrada Beja-Vila Real de Santo António.

(Conclui na 6.ª página)

Temos portanto que dar todas as facilidades aos capitais estrangeiros para explorarem o filão do TURISMO ALGARVIO

Mário Zambujal ingressou na redacção de "A Bola"

GRACAS aos seus méritos de jornalista, de que deu magníficas provas no *Jornal do Algarve*, foi convidado para o cargo de redactor de «A Bola» o nosso prezado camarada Mário Zambujal, que de há muito era colaborador no *Algarve* do importante órgão desportivo.

Se por um lado vimos partir com pena o nosso prezado amigo e camarada, por outro lado não podemos deixar de nos regozijar com o seu triunfo e com um mais activo aproveitamento dos seus bem demonstrados recursos de jornalista. Não temos dúvida de profetizar que neste campo irá longe — e são estes os votos que sinceramente formulamos.

Mário Zambujal ausentou-se do nosso convívio mas não se despediu dos milhares de leitores fiéis que deixou no Algarve. Ele prometeu-nos que continuará, uma vez por outra, a dar a agradável nota da sua sempre valiosa e desejada presença jornalística.

COMEÇAMOS por declarar que não somos asnógrafos, circunstância que nos dispensa ocuparmo-nos dos asnos. Mas os nossos vizinhos deram-nos uma saída ao consagrarem o filosófico aforismo de que «Quien no puede dar en el asno, da en la albarda». Vamos lá pois bater na albarda.

Está a decorrer a construção do aeroporto de Faro, chegam-nos notícias de que dentro de poucos meses, atraídos pela fama da nossa Província e pela propaganda que se faz do Algarve em todos os cantos do Mundo comparecerão nestas terras uns milhares de estrangeiros, convencidos de que encontrarão aqui alojamento e comida — o mínimo vital para se sobreviver. Além disso podemos dar quase como certa a construção da ponte sobre o Guadiana, obra de uma magnitude espantosa para o turismo do Algarve e do resto do País, acerca da qual e neste preciso momento em que escrevemos não estamos autorizados a fornecer quaisquer pormenores que, a seu tempo e quando for oportuno, virão a público. Temos também aqui na nossa frente uma estatística que nos diz que o ano passado estiveram em Portugal 410.206 turistas estrangeiros, mais 9,2 por cento que no ano anterior, acrescentando-se que o afluxo de norte-americanos, que no ano passado registou um aumento de 24 por cento em relação ao ano anterior, vai ser este ano maior graças à fama universal do Algarve. Segreda-nos um hote-

(Conclui na 12.ª página)

São muitos os encargos que assoberbam a Câmara Municipal de Lagoa

DO relatório da Câmara Municipal de Lagoa, a que dedicadamente preside o sr. dr. Luís António dos Santos, ressalta a situação de aperto das finanças municipais. Assim teve de receitas o Município no ano findo 3.578.449\$70 e gastou 3.404.235\$10. Deve ainda de empréstimos contraídos desde 1953 a quantia de 2.538.930\$10 o que corresponde a um encargo anual (amortizações e juros) de mais de

(Conclui na 12.ª página)

A Câmara de Lagos está empenhada na urbanização das zonas turísticas e de expansão da cidade

É MUITO sucinto o relatório do Município de Lagos, que foi aprovado pelo respectivo conselho

verbas principais pendidas nas obras de construção, reparação e conservação que totalizam 918.700\$00, incluindo-se nesta verba as participações e subsídios de 365.528\$00.

«LA HIGUERITA» FEZ CINQUENTA ANOS

É sem um sentimento de comogão que redigimos este breve apontamento em que assinalamos a entrada no seu meio século de vida do nosso prezado cole-

(Conclui na 5.ª página)

A integração do Algarve no espaço turístico do Mediterrâneo

CONSELHO directivo da Organização Mundial de Turismo Automóvel tratou, na sua última reunião da integração do Algarve no espaço turístico do Mediterrâneo.

UMA CARGA INVULGAR



Pela primeira vez, que nos recorde, fez-se um embarque de borregos no porto de Vila Real de Santo António. Eis o aspecto da condução dos animais para bordo, operação que despertou grande curiosidade na população da Vila Pombalina.



Uma ave que não é vulgar — um melro branco. Capturou-o, após 40 anos de persistência, o coleccionador sr. Bernard Ramier, de Combon, que estando naturalmente farto dos melros vulgares, de revestimento negro e bico amarelo, se empenhou em valorizar a sua colecção com esta raridade. A avezinha está empalhada e dela, deste melro, nada tem já a temer o sr. Ramier.

JANELA DO MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

Os nomes que nós não queremos

SE há coisa com que em geral nunca estamos satisfeitos é com o nosso nome. Isto de nos levarem à pia baptismal com poucos meses de idade, ou seja, sem possibilidades de protestar, e colocarem-nos um rótulo, uma marca, um dístico, que temos de carregar pela vida fora, não está certo!

Há os nomes vulgares, aqueles que tanto faz e nada dizem, como João Silva, José Francisco, ou Maria da Conceição, mas há outros, terríveis, raros, difíceis, que atraem as atenções onde quer que sejam citados. É o que acontece com os

(Conclui na 12.ª página)

Luz eléctrica em Santo Estêvão de Tavira e Ferreiras (Albufeira)

COM a presença de deputados e das autoridades distritais e concelhias procedeu-se à inauguração da luz eléctrica em Santo Estêvão de Tavira, melhoramento muito importante para a localidade e que foi celebrado com manifestações de regozijo.

Também com grande contentamento da população e com a presença do chefe do Distrito e de várias outras autoridades, foi inaugurada a luz eléctrica em Ferreiras (Albufeira). Brevemente será igualmente inaugurada a luz nos Olhos de Água.

O COMÉRCIO DOS FRUTOS SECOS

UMA das notas que o sr. dr. Jorge Correia salientou na Assembleia Nacional, foi a necessidade de montar na nossa Província as indústrias que criem riqueza e fixem a população algarvia a qual diminui ou, pelo menos, não cresce, na proporção que se vê no resto do País. Para ilustrar esta asserção, comparámos o movimento populacional, dos últimos 20 anos, do nosso Distrito com o de Aveiro, e em seguida reforçámos as suas conclusões com as contribuições e impostos pagos, em média, no período de 1955-58.

	DISTRITOS	
	Aveiro	Faro
Área em km. 2.	2.809	4.991
População residente em:		
1940	432.685	518.267
1950	485.155	528.135
1960	538.125	520.564
Variação de 1940/60	+105.440	+ 2.297
Variação de 1950/60	+ 54.970	- 7.571
Densidade da população em 1960, por km. 2.	192	64
Contribuições e impostos, em contos	72.159	52.190

E aqui temos nós como da leitura atenta destes números, se verifica que a forte industrialização do distrito de Aveiro determinou que um quilómetro quadrado da sua área rendeu para o Estado e autar-

(Conclui na 4.ª página)

A saúde é a maior riqueza

PRIMEIROS SINTOMAS DA SURDEZ

Há sinais que, com muita antecedência, revelam início de surdez: dor e sensação de ouvido tapado, em um dos ouvidos ou em ambos, dificuldade de ouvir conversas a certa distância, purgação, ruídos estranhos e zumbidos e, mais raramente, sensação de vertigem.

Ao sentir qualquer dos sinais referidos, procure imediatamente o médico.

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Novos rumos

COM o ingresso do nosso camarada Mário Zambujal no jornalismo profissional, perde a nossa secção um dos seus responsáveis, pelo que o trio passa a ser duo. Nada mais justo, pois, para quem tanto amou a sua terra adoptiva, e sobre ela tanto escreveu — pedindo, sugerindo, criticando, com o ar sério duma crítica irónicamente mordaz, do que lhe dedicamos esta crónica — a primeira escrita após a sua ausência. E tal como acentuámos nessa expontânea mas grande manifestação de amizade que foi o banquete de despedida, a hora é de saudade e de alegria. Simultâneo paradoxo, contraditória verdade! De saudade, por termos deixado o nosso convívio um amigo dedicado a quem nos une amizade de mais de quinze anos, alimentada nos bancos da escola e cimentada na aventura do jornalismo. De alegria, porque se fez justiça, porque se reconheceu valor, onde ele sobejamente existe, porque se abrem para o novel jornalista as perspectivas duma vida maior, trilhando a estrada grande duma nobre profissão.

Perde a «Crónica de Faro» um dos seus pilares cujos méritos todos reconhecemos, e em especial os seus companheiros da delegação. A cidade continuará a contar com Mário Zambujal, que será na capital um defensor acérrimo dos interesses de Faro e da província algarvia. A crónica continuará também saindo, agora mais pobre, é certo, mas norteada pelos princípios que ditaram o seu nascimento: defender a cidade, pugnar por ela, apontando, sugerindo, criticando, em suma, terçando armas por Faro, com o apoio de alguns, a indiferença de tantos e o sarcasmo de muitos. Mas continuaremos, animados pelo calor e fé que nos advém do muito que queremos a esta terra onde nascemos.

Para ti, Mário, cuja ausência sentimos, a «malta» da delegação, os companheiros do «Times» oferecem-te com mil desejos de felicidades, o penhor duma amizade que tu sabes sincera.

OLHÃO



Maria Vieira AGRADECIMENTO

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem por este meio, muito reconhecidamente, agradecer a todos que acompanharam a sua última morada aquele seu ente querido, bem como a todos que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Companhia Industrial de Cordoarias Têxteis e Metálicas

QUINTAS & QUINTAS, S. A. R. L. PÓVOA DE VARZIM

Fios e cabos de Sisal, Manila, Algodão e Cairo Cabos de Alumínio e Alumínio-Aço Condutores eléctricos para Baixa e Alta tensão Espias e cabos de Terra Linhas e cabos de Aço — Estropos, etc. Cabos e fios de Nylon Fios entrançados de Nylon, etc.

Agentes no Algarve:

Centro Algarvio de Comércio-Portimão José Aragão Barros-Olhão

NOTÍCIAS PESSOAIS

Dr. Humberto Sérgio de Brito Avô

Foi contratado para prestar serviço de pediatria médica no Hospital de D. Estefânia, em Lisboa, o nosso assinante e prezado compatriota sr. Dr. Humberto Sérgio de Brito Avô.

Comandante João de Oliveira Correia Baptista

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, onde frequentou o Curso Geral Naval de Guerra, o sr. comandante João de Oliveira Correia Baptista, que já reassumiu as suas funções de capitão do porto de Vila Real de Santo António e interino do porto de Tavira.

Partidas e chegadas

Seguiu para Lisboa, acompanhado de sua esposa que ali foi submetter-se a tratamento da doença que a acometeu, o nosso assinante em Faro sr. Armando Augusto Marques.

Acompanhado de sua mulher e neta, deslocou-se à capital onde foi aguardar a chegada de Nova Lisboa de sua filha, sr.ª D. Stela da Ponte Costa Alves Teixeira Fernandes, e de seu genro sr. capitão Luís Teixeira Fernandes e netos o nosso prezado assinante e amigo sr. José da Costa Alves, residente em Loulé.

Regressou à Trafaria, depois de passar uns dias no Algarve com sua filha, genro e netos, o sr. José de Sousa e Silva, industrial naquela vila.

De visita a sua mãe e irmãos, esteve em Faro o sr. dr. Joaquim Manuel Dias Pires, director-cirurgião do Hospital de Loulé, que em missão de estudo passou alguns meses em Nova Torque e Londres.

Em gozo de licença e de visita a sua família, encontra-se em Vila Real de Santo António o nosso assinante e compatriota sr. João dos Mártires Mateus, furiel miliciano em serviço em Angola.

De visita a seus genros, está em Faro, em companhia de sua esposa, o nosso prezado colaborador sr. dr. Maurício Serafim Monteiro.

Com sua esposa, passou alguns dias no Algarve o sr. coronel Joaquim dos Santos Gomes, presidente da Junta de Turismo de Armação de Pêra e nosso assinante em Lisboa.

Transferiu a sua residência de Quarteira para Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Joaquim Gonçalves Vatrino.

Regressou à sua casa de Lisboa, depois de passar uma temporada em Albufeira, o nosso assinante sr. António Alistão Teles Moniz Corte Real.

Com curta demora, esteve no Algarve o sr. Manuel de Mora Féria, nosso assinante em Alhos Vedros.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. José António Marques Pacheco, funcionário do Tribunal Judicial de Lagos.

De Lisboa, aonde foi acompanhar seu esposo, sr. José Manuel Baptista Santos, que seguiu em viagem para Moçambique no paquete «Efomédica», regressou à sua residência em Albufeira a nossa assinante sr.ª D. Maria Graciete Patrício Santos.

ARMAÇÃO DE PÊRA



Eufigénia da Conceição AGRADECIMENTO

Seus filhos, José e Alcindo da Encarnação Bentes, Maria, Laura, Andreia e Sebastião da Conceição Bentes, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente vêm por este meio, muito reconhecidamente, agradecer a todas as pessoas que acompanharam a sua última morada sua extremosa mãe, bem como a todos que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Construções de arruamentos

O sr. ministro das Obras Públicas, concedeu pelo Fundo do Desemprego a favor da Comissão Coordenadora das Obras Públicas no Alentejo, os reforços de 68.000\$00 e 75.000\$00 respectivamente às Câmaras Municipais de Olhão e Vila Real de Santo António, para construção de arruamentos.



Luís Baptista Parra AGRADECIMENTO

Os filhos, noras, netos, cunhados e mais família agradecem a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar e às quais não possam fazê-lo directamente por desconhecimento das moradas.

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Portimão na Casa Inglesa,

TINTAS «EXCELSIOR»

GRANDES DESCONTOS EM FAZENDAS DE PURA Lã NOVIDADES PARA HOMEM E SENHORA Peça amostras a MONTESTRELA, LDA. APARTADO 138 CÔVILHã

Casamentos

Na igreja das Mercês em Lisboa, realizou-se o casamento da nossa compatriota sr.ª D. Lidia Gomes Godinho, filha da sr.ª D. Josefa Gomes Godinho e do sr. Manuel Godinho, com o sr. Luís Joaquim Salgueiro Serranito, filho da sr.ª D. Maria Rosa Salgueiro Serranito e do sr. Joaquim Serranito. Foram padrinhos da noiva sua prima, sr.ª D. Marcolina Guimarães e o irmão da noiva, sr. Manuel Gomes Godinho e do noivo sua irmã, sr.ª D. Clara de Jesus Serranito Queirós e seu esposo, sr. Sidónio Luís de Queirós.

Realizou-se na igreja de Santa Catarina (Paulistas) em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Maria de Lurdes Martins Leiria Bento, filha da sr.ª D. Maria de Lurdes Martins Leiria e do sr. Auretério da Palma Bento, com o sr. Damiano Luís Medeiros Bravo, filho da sr.ª D. Maria Carmelinda Celorio Medeiros Bravo e do sr. Manuel Bravo Gomes. Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. José de Brito e esposa, sr.ª D. Maria Fernanda Leiria de Brito, e, por parte do noivo, seu irmão sr. Manuel Medeiros Bravo e esposa, sr.ª D. Maria Adelaide Frade Medeiros Bravo.

Doente

Encontra-se enfermo o sr. dr. José Vasco Nunes, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

NECROLOGIA

Coronel Vitorino R. Corvo

Faleceu em Lisboa o sr. coronel Vitorino Rodrigues Corvo, de 69 anos, natural de Tavira, que foi combatente da Grande Guerra, em França, e possuiu várias condecorações e louvores. Deixa viúva a sr.ª D. Cândida dos Santos Rodrigues Corvo e era pai da sr.ª D. Maria Lígia Santos Rodrigues Corvo de Frias e dos srs. eng. Eurico Santos Rodrigues Corvo e Eduardo Santos Rodrigues Corvo sr.ª dr.ª Teresa Santos Rodrigues Corvo e D. Luísa Falcão Trindade Teixeira de Azevedo Rodrigues Corvo e do sr. Rui Machado de Frias; irmão das sr.ªs D. Maria Adeline Rodrigues Corvo e D. Maria Marta Rodrigues Corvo Pires e cunhado do sr. Adribal da Encarnação Pires.

Também faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO — os srs. Manuel António Margarido, de 65 anos, natural do Pereiro (Alcoutim), casado com a sr.ª D. Maria Domingas, e João da Rosa, de 66 anos, solteiro.

Em VILA NOVA DE CACELBA — a sr.ª D. Antónia de Jesus, de 82 anos, viúva, natural da Fuseta, e o sr. Damiano Fernandes, de 72 anos, casado com a sr.ª D. Evangelina da Conceição.

Em TAVIRA — o sr. José Francisco Massapina, de 83 anos, natural de Moura, capataz agrícola, aposentado, pai do sr. José Francisco Massapina Júnior, regente agrícola em serviço na Estação Agrária de Tavira, e das sr.ªs D. Maria Libânia Massapina e D. Maria do Carmo Massapina e sogro da sr.ª D. Gabriela Vicente Massapina.

— a sr.ª D. Maria Celeste do Carmo Mestre, de 25 anos, solteira, filha da sr.ª D. Maria Emília do Carmo e de Joaquim Mestre, já falecido, e que foi componente do Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão.

No sítio da ASSECA (Tavira) — a sr.ª D. Marta da Conceição, de 70 anos, casada com o sr. Manuel Ramos Gonçalves, mãe da sr.ª D. Maria da Conceição Ramos e do sr. Manuel Ramos Bonito, tendo-se realizado o funeral para o cemitério de Santo Estêvão, de onde era natural.

Em LISBOA — a menina Alda da Luz Coelho, de 15 anos, estudante, natural de Loulé, filha da sr.ª D. Genoveva e do sr. José Francisco Ferreira Coelho, irmã da sr.ª D. Dora da Luz Coelho Xavier e cunhada do sr. Vítor Manuel Barata Xavier.

— o sr. Manuel Miguéis Santos Otero, de 63 anos, fiscal do Comissariado do Desemprego, aposentado, natural de Portimão, casado com o sr.ª D. Maria Rosa Guerreiro Otero.

— a sr.ª D. Maria da Piedade Jesus, de 74 anos, viúva, natural de Alentejo, mãe das sr.ªs D. Domitília de Jesus Prudêncio, D. Maria do Carmo de Jesus Vitorino, D. Olga de Jesus Silva, e do sr. José de Sousa, sogra dos srs. José Prudêncio, José Vitorino, Abel Mendes da Silva, e da sr.ª D. Maria José Cabide, avó do sr. Manuel do Carmo Vitorino, D. Catilina de Jesus Vitorino, Humberto de Jesus Vitorino, D. Catilina de Jesus Prudêncio, D. Maria Teresa de Jesus Silva, Abel Mendes de Jesus da Silva, D. Maria da Conceição de Jesus da Silva, e D. Olga Cabide de Sousa, tendo-se realizado o funeral para o cemitério de Portimão.

— o sr. Artur Manuel Nogueira Agedo, de 62 anos, 2.º sargento do Exército, aposentado, natural de Faro.

— a sr.ª D. Cristiana Viegas Fernandes Delgado, de 75 anos, viúva, natural de Vila Real de Santo António, mãe do sr. eng. João Fernandes Delgado e sogra dos srs. António Baeta Neves e dr. Anselmo Dias Simões.

— a sr.ª D. Maria Francisca, viúva, de 92 anos, natural de Loulé.

— o sr. José da Paz Ribeiro, de 85 anos, viúvo, natural de Portimão.

— a sr.ª D. Lucrécia dos Santos, de 88 anos, natural de Portimão, viúva, mãe das sr.ªs D. Maria, D. Beatriz, D. Leontina e D. Dolores dos Santos e do sr. Manuel dos Santos.

— o sr. Júlio António Guerreiro, de 63 anos, natural de Lagoa, tipógrafo, casado com a sr.ª D. Celeste Branco Guerreiro, pai da sr.ª D. Maria Manuela Branco Guerreiro e da menina Maria Rosa Branco Guerreiro.

Em ALMADA — a sr.ª D. Maria Joana Ponces, de 93 anos, natural de Silves, mãe da sr.ª D. Adélia da Luz Figueira e dos srs. António e Acácio Luciano Figueira.

— o sr. Joaquim António das Chagas, de 84 anos, comerciante, natural de Olhão, casado com a sr.ª D. Amélia Rodrigues das Chagas.

As famílias enlutadas apresentam Jornal do Algarve sentidos pésames.

Hotel Vasco da Gama Monte Gordo

ABERTO TODO O ANO

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

TELEF. 321-322-323

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ALGARVE DE ONTEM

Salpicos da nossa história

II

NO tempo a que os factos nos reportam, era Silves uma cidade rica e importante que ocupava uma área muito mais vasta do que a actual. Altas torres vermelhas — vermelho era tudo em Silves, a esse tempo, devido à abundância da chamada rocha ruiva na região — erguiam-se imponentes. O alcazar ou cidadela, denominada Al-Rei, com residência do juiz, mesquita e repartições do governo, a torre albarrã e grossos baluartes de muros situam os escritores onde hoje se vê a catedral e um resto de restaurados muros. Os arredores da cidade eram feracíssimos e salpicados de bonitas e sumptuosas casas de campo, de aldeias, de casais e de herdades.

Além de reputada como a mais opulenta filha do Chenchir pelos seus nobres edifícios, beleza e fertilidade dos campos, Silves era considerada como importante centro de arte e cultura. As suas escolas gozavam tão grande prestígio que bastava a um letrado dizer-se silvense para ser recebido com honras e favores.

As ruas sempre cheias de vida ofereciam um ar alegre, um matiz vivo e majestoso que lhes prestavam as indumentárias das diferentes raças que constituíam a população. Turbantes brancos, verdes, amarelos e vermelhos, de diversos feitios, denunciavam a presença de persas, árabes, sírios, berberes, mozarabes, homens de mil raças distinguindo-se pelas suas vestes. Nos militares via-se a mesma diversidade de trajos aos quais se juntava a das armas também. Era a acha dos cristãos, a cimitarra e o alfanje dos orientais, a lança de bambu dos sírios, a alabarda dos guerreiros de Galiza.

Era pois soberba e majestosa esta filha do Chenchir, edificada em anfiteatro e cingida por forte cerca. Era esta a Silves, de fisionomia e valor tão diferentes da actual, que breve perderia a independência.

Corria então o ano de 1051 e Silves tinha como rei Abul Achay Isa, um jovem de doze anos apenas que poucos meses atrás sucedera a seu pai, Ibn Massan e fundador do reino. Informado da hostilidade de Motadhid e de que em Beja se encontrava pronto a partir sobre Silves um grosso exército, Isa preparou a defesa da cidade. As suas forças foram aumentadas com o auxílio de Ibn Haron e todas as possíveis medidas de defesa foram tomadas. Seria uma luta desigual, dada a superioridade de Sevilha, mas Isa decidira defender a herança de seu pai. A guerra era assim inevitável.

O mercado de viveres de Silves era bastante concorrido e farto de excelente fruta e fresco peixe. A carne era sempre da melhor qualidade. Outras transacções também

lá se faziam diariamente, tais como as de cereais e legumes.

Um rapaz ainda bastante novo, de rosto formoso e varonil mas precocemente marcado por rugas que são vestígios de uma vida feita de lutas, privações e decepções, acabava de vender um saco de cevada e dirigia-se para a saída do mercado, quando ouviu que o chamavam. O jovem moço voltou-se admirado e exclamou:

— Ibn Salam! Tu por aqui... O filho do magistrado de Sevilha aqui e neste traje...

— Estou disfarçado, como vês. Mas que fazes aqui, Ibn Ammar? Pelo teu traje, vejo que não tens sido bafejado pela fortuna. Como vives? Que fazes?

— Mendigo de terra em terra oferecendo os meus versos. Agora mesmo acabo de vender um saco de cevada que Ishac, um dos amigos de meu pai nesta cidade, me ofereceu em troca de uma composição que lhe fiz. Cheguei ontem a esta terra, que é a minha pátria, e vou pôr-me a caminho de Shombos (Estômbo) aonde vive minha mãe. Para vê-la empreendi esta viagem de Córdova e, na minha peregrinação, tenho vindo de castelo em castelo, de caria em caria, mas os meus recursos estão esgotados e a minha muiar tão esquelética que mal suporta o meu peso. Tal é a sorte de um poeta, hoje!

— Mas tu tinhas talento! E um homem como tu não deve estar em tal situação. Que vais fazer agora? Oferecer o teu preito a Isa?

— Eu?!... Nada tenho de comum com os Ben-Mosaens. Conheço o ódio que sempre separou as nossas famílias. Ainda há pouco, quando estava na mesquita e vi Isa entrar acompanhado do seu lustroso séquito, senti que o ódio que meu pai sempre votou aos Mosaens recrudescia em mim.

— Vejo que no ódio aos Ben-Mosaens corremos parelha e este sentimento bastava para nos tornarmos aliados, ainda que não fôssemos amigos e não tivéssemos sido discípulos aqui e depois em Córdova. Quero concorrer para a tua fortuna. Vem comigo para Sevilha. Todos os talentos são lá bem recebidos e, embora o Chenchir seja o país dos poetas, Sevilha é hoje a pátria de todos os grandes homens.

— Obrigado, Salam! Mas, que fazes aqui e nesse traje? Ibn Salam que durante toda a conversa não havia deixado de filtrar a entrada do mercado, teve um movimento quase imperceptível, olhou Ibn Ammar com um sorriso ambíguo e afastou-se dizendo:

— Espera um pouco Ammar, volto já.

MARIA CARLOTA



de 28 de Fevereiro a 6 de Março

Albufeira

Artes diversas 18.560\$00

Quarteira

Artes diversas 46.555\$00

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todos os centros piscatórios do Continente e Ultramar.

OPEL KAPITAN VENDE-SE

Estado novo, ano 1961, bom preço. Garagem SHELL — Albufeira, Telefone 111.

CINE-TEATRO

Vende-se com todo o seu recheio em Tavira, onde poderá ser visto todos os dias das 14 às 18 horas. Recebem-se propostas em carta fechada até às 15 horas do dia 26 de Maio próximo, reservando-se o direito de não considerar a venda efectuada, caso a proposta mais elevada não seja de aceitar.

Loulé... em retrato



DE Lisboa e assinada por José Manuel Antunes, que diz ser Quarteira a terra de seus avós, recebemos uma carta em que se lamenta o atraso em que encontra a nossa praia.

Antes de analisarmos o que nos diz e que, em parte, é mais do que verdade, consinta que lhe agradeçamos as palavras amáveis que teve a nosso respeito e lhe digamos que somos louletanos, de há mais de sete ou oito gerações. Atestados de louletanismo são portanto mais que suficientes.

Quarteira, não progrediu mais nem menos que qualquer outra praia até aqui há uns oito anos. Conseguiu ter rede eléctrica, que só recentemente se tornou capaz, por via da ligação directa feita à rede de Loulé — e isto, diga-se de passagem, porque os de Quarteira sempre se opuseram a que se fizesse mais cedo, com o errado pressuposto de que tinham uma central privada —, conseguiu uma rede de distribuição de águas, um mercado municipal, um lavadouro — se bem que só há pouco tenha entrado em funcionamento — e ligeiras reparações e arranjos em ruas da localidade.

Onde a administração pode ter falhado e daí resultam os grandes males que presentemente a afligem, foi em ter rejeitado um plano de urbanização que já se encontrava totalmente aprovado há oito anos. Se em vez de se procurar aproveitar avaramente todo o tempo perdido para se conseguir o plano, se tivesse partido da necessidade de execução daquele, se tivesse assentado que com ligeiras alterações e planeamentos parciais, aquele seria aproveitável, a transformação de Quarteira estava em franca progressão e certamente já teria projectada uma rede de esgotos de que tanto carece.

Porque não foram só os anos perdidos à espera de um plano, mas os oito que se têm seguido à espera que surja um outro plano, que, recentemente, apareceu em esboço, e que não parece ter outra finalidade mais que desfazer o que o anterior concebia. E diz o autor da carta constar-lhe que o novo plano, determina que a actual Quarteira dará o seu lugar a outra nova Quarteira. E assim mesmo, se os fados não determinarem que tudo isto seja profundamente remodelado, em curto prazo, visto não poder estar bem.

Confiemos que o novo presidente da Junta de Turismo terá a clarividência precisa para colocar estes grandes problemas de Quarteira no seu devido lugar, porque, livre e independente como é dos interesses em jogo, poderá resolver os casos pendentes com inteira dedicação e amor pelo que está feito e pelo muito que se terá de fazer. Mas alegresse o nosso correspondente, que Quarteira vai dar um grande passo em frente ao seu progresso.

Requerido por Carlos de Brito, que nos consta ser um industrial de hotelaria da zona do Estoril, deu entrada na Câmara o projecto de um conjunto turístico, constituído por um motel com 20 quartos e 52 celas familiares, com piscina, super-mercado e restaurante com «snack-bar». Requerido por Abílio Fortes e Ilídio de Carvalho deu entrada outro plano de um motel e 15 habitações.

O que interessa agora é que a Câmara Municipal não levante atritos e conceda todas as facilidades, para que apareçam iniciativas desta natureza. Porque se nos pomos de um lado, a ver apenas o cumprimento rigoroso de exigências municipais e de aplicação e cobranças de taxas e taxinhas, então estamos a criar conflitos e embaraços que só podem, de facto, prejudicar Quarteira. E que a Direcção Geral de Urbanização nos ajude, não criando nem levantando dificuldades à localização e enquadramento destas unidades turísticas, outro ponto a focar, e para o qual reservamos, se for caso disso, toda a nossa intensidade de propagandistas do progresso de Quarteira.

Não há dúvida alguma que Quarteira, pela sua proximidade do novo aeroporto de Faro, pela sua esplêndida situação, no coração do Algarve, pelas magníficas constantes do seu clima, pela sua situação na zona mais rica de abastecimento de hortaliças, legumes, frutos e peixe, está naturalmente indicada para ser uma grande localidade turística no Algarve.

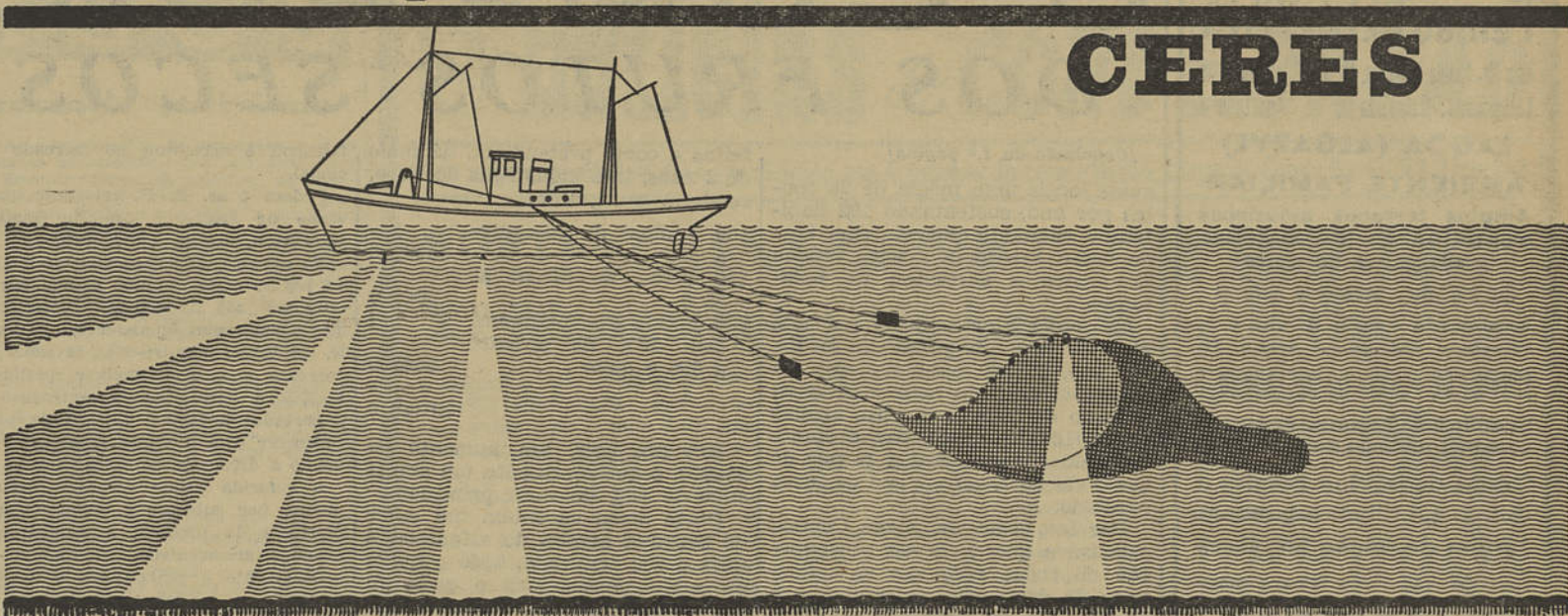
Se os interessados na exploração de grandes unidades hoteleiras no Barranco do Velho, ponto de confluência de todas as estradas do Algarve, derem execução ao seu projecto, então diremos que o triângulo turístico Barranco do Velho, Loulé, Quarteira, será uma grande realização de turismo e dominará quaisquer outras posições algarvias.

Será tempo de Loulé ir pensando em dar ao seu esplêndido Parque de Diversões, para o que desfruta de um magnífico local, a concretização do seu bem concebido projecto, com piscina, campos para diversas modalidades desportivas e até um salão para conferências. Não há dinheiro, sabemos, mas estude-se a possibilidade de aparecer alguém interessado em executar essas obras em troca de uma concessão por determinado número de anos e pode ser que haja quem com um sentido exacto das possibilidades turísticas do Algarve, em futuro próximo, se abalançe a tal iniciativa.

Tentemos, tentemos e não nos detenhamos em questões de campanário ou de interesses particulares que estamos fartos de sofrer.

REPORTER X

Kelvin Hughes *



CERES

SONDAS PARA DETECÇÃO E PESQUISA DE PEIXE

A nova sonda KELVIN HUGHES "CERES" combina as vantagens da detecção horizontal antecipada dos cardumes com uma mais exacta localização vertical. Pode ter, como acessório, um indicador vertical, de rede, para controle rigoroso de arrasto.

C. SANTOS LDA.

LISBOA-PORTO-COIMBRA-OLHÃO

CONSULTE OS REPRESENTANTES

* A marca que equipa as mais importantes unidades mercantes e de pesca nacionais



SINE IRA ET STUDIO

«JANGADA» (farsa) de Romeu Correia ...E UM NOSSO APROPÓSITO

Na série Livro de Bolso de Teatro da Portugal Editora o escritor Romeu Correia publicou agora a farsa «Jangada», construída em moldes modernos capazes de seduzir a imaginação dos encenadores actualizados.

«Jangada», para quem apenas conhece o título, poderá sugerir a ideia de um drama passado no mar, após um naufrágio. Não. Ele, o drama — que bem o poderia ser, mas o autor preferiu ajuizadamente dar-lhe a forma de farsa —, passa-se em terra firme, mesmo em frente de Lisboa, na outra margem do Tejo. O título é pura alegoria. No entanto, ajusta-se a uma filosofia social, própria dessa pequena burguesia tratada na peça. Na verdade, as personagens parecem naufragos na mesma jangada: passageiros de uma viagem frustrada, cada qual com seu anseio de um porto seguro. Jangada pode ser o mundo em que vivemos, o mundo sintetizado na peça de Romeu Correia.

Servida por um diálogo simples e isento de rodiguinhos, a farsa conserva, de princípio ao fim, um ritmo igual, dinâmico, como convém a esse género de teatro. Nota-se também não ser outra preocupação do autor que não seja fazer teatro.

Com a sua experiência de alguns anos, Romeu Correia, já representado no Teatro Nacional («Casaco de Fogo»), atinge em «Jangada» a sua maturidade de comediógrafo, aliás já revelada no «Vagabundo das Mãos de Ouro».

A propósito, pena é que sejamos uma nação, não bem sem teatro, mas sem teatros. E esse teatro que ainda nos resta, mostra-o a Portugal Editora revelando, assim, as possibilidades dos dramaturgos portugueses, alguns dos quais com obras em segunda edição! Até parece haver mais leitores de teatro que espectadores. A ser verdade, chamar-se-ia a isso um paradoxo impar no Mundo! Ou será tal facto um sinal dos tempos?...

Diz-se e parece ser verdade que não temos teatro. O próprio Teatro Nacional, chamado Casa de Garrett, com a sua empresa subsidiada pelo Estado, abriu a época com uma peça velha, «Os Maias», embora de autor português. Porém, época inaugurada com uma reprise. E o resto? Além daquela empresa, temos apenas mais três companhias de teatro declamado: a do Trindade, subsidiada pelo Fundo do Teatro (dinheiro português), agora com uma peça estrangeira; Monumental, também com uma peça estrangeira, e Império, nas matinées, igualmente com uma peça estrangeira.

As empresas alegam que os autores estrangeiros dão maior confiança ao público. Todavia, vimos publicada, a favor de uma dessas empresas, a representação de teatro estrangeiro, uma manifestação de tristeza (!) de um grupo de escritores, artistas e jornalistas, perante a indiferença do público, quanto aos espectáculos dessa mesma empresa. Para além de tudo, é de estranhar o facto de tal manifestação trazer a assinatura de alguns teatrólogos portugueses! Ora esses escritores de teatro (portugueses) deviam, segundo nos parece, deixar a Companhia chorar à vontade nos braços dos seus autores preferidos, e não fazer coro com ela, o que também nos parece ridículo contra-senso. Melhor seria que esse grupo de intelectuais responsáveis procuras-

se reparar ou, pelo menos, denunciar as causas de tais fracassos, incluindo o do teatro português.

Se morre o teatro em Portugal — dizem-no todos e também as próprias empresas — a culpa não cabe aos autores portugueses, visto que as peças nacionais representadas têm sido uma minoria; e, como se sabe, a minoria não conta. Por conseguinte, se a lógica não falha, o afastamento do público das salas de teatro declamado só pode ter uma causa: as peças estrangeiras.

Por outro lado, procura-se adoptar o critério de que o público português precisa de ser teatralmente educado e, assim, querem à viva força dar-lhe peças de alto nível. Ora acontece, que o público, já de si sem nível de vida suficiente, não tem essa concepção de espectáculo, o qual, para ele, principia pela compra dos bilhetes, após contados os tostões... Todavia, se vai ao teatro — e isso constitui um milagre das suas posses financeiras — o espectador português leva a ideia formada da diversão ou, quando muito, a de assistir a um drama cujos problemas lhe sejam familiares, aceitáveis, compreensíveis. E não temos dúvidas de que ainda há autores portugueses capazes de maior interesse, que muitos dos americanos de importação. Romeu Correia é um deles. Mas parece não haver palco para ele...

Já agora, podemos anotar outro facto revelador da indiferença perante o Teatro em Portugal. Há pouco mais de um mês o Município de Lisboa, após os respectivos anúncios, abriu concurso com condições excepcionais, para a construção de um teatro na capital. Resultado: Não apareceu ninguém. Nenhum construtor quis saber disso...

JOAO FRANÇA

«Cem por cento moderna»

LEYGUARDA FERREIRA

Escritora de merecimento, com uma brilhante obra literária que atinge já cerca de duas dezenas de trabalhos, Leygarda Ferreira acrescentou, agora, à sua bibliografia mais um romance de leitura atraente.

«Cem por cento Moderna», assim se intitula o volume que nos conta uma enternecedora história de amor em que dois espíritos, de certo modo contraditórios, acabam por unir-se. Ela, rapariga moderna, caprichosa, mais por educação do que por temperamento, um tanto estouvada e agressiva; ele, homem ponderado, de grandeza de alma, sabendo suportar o pesadelo da vida. Entre um e outro, que, no fundo, se aborrecem, amando-se, há um constante desenrolar de cenas em que ambos se mostram incompreensíveis e resolutos: ele, procurando vencer o amor que o domina, ela, mostrando-se constantemente activa e irónica, humilhando-o. Ela mente, porém, e na alma da rapariga ultramoderna, arisca e voluntariosa, vivem sentimentos bons que ele acaba por vencer revelando os seus.

«Cem por cento Moderna», escrito em linguagem simples e elegante, é, assim, um romance de palpante leitura, de figuras profundamente humanas e primorosamente tratadas por Leygarda Ferreira que, junto, desse modo, à sua obra, um trabalho de muito merecimento. Edição bem apresentada (Colecção Azul) da Livraria Romano Torres.

GAGUEZ

Podeis dominá-la pela reeducação da voz. Documentos comprovativos de óptimos resultados. Recedam-se estudantes em quaisquer férias. Belles Lelria Av. Almirante Reis, 67-1.º, Dto. — Telef. 44018 — Lisboa-1.



Numa elegante reunião social, sob os olhares de todos, ela sabe que pode sorrir confiante na brancura dos seus dentes! Pepsodent assegura-lhe a perfeita brancura dos dentes devido ao írium, a substância que liberta completamente os dentes da película amarela que os escurece.

Pepsodent

TORNA OS DENTES REALMENTE BRANCOS



Dentes realmente brancos só com Pepsodent

LEVER 63-PP-24

AJUDE O ARTESANATO! — comprando «rendas» de Peniche

JOSÉ COELHO PINTO

PROPRIEDADES E COLOCAÇÃO DE CAPITAIS

LISBOA — Rua Castilho, 233, 3.º — Telef. 65 16 09 - 65 15 89 - 65 17 36
 PORTO — Praça do Município, 287, 3.º — Telef. 3 49 88
 ALMADA — Praça da Renovação, 10, 2.º-Esq. — Telef. 27 46 18 - 27 47 16
 CASCAIS — Rua Dr.ª Tracy Doyle, 11, 1.º-Dt. — Telef. 28 20 84 - 28 09 12
 QUELUZ — Rua Conde Almeida Araújo, 70, 1.º-Dt. — Telef. 951308-951778
 PORTIMAO — Praça Visconde Bivar, 3, 1.º-Dt. — Telef. 3 4 0

Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA ALEMÃ QUER DIZER:



ÁGUA QUENTE PARA TODA A GENTE, RÁPIDA E BARATA

A GÁS LÍQUIDO (BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00

Junkers

Garante:

- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos a 1 metro.
- Economia resultante dos seus queimadores especiais.
- Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SILVEIRA & SILVA, LDA.
 RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.º - LISBOA - TELEF. 327475

À VENDA:

Nos Agentes das Companhias Distribuidoras de Gás

Pensão BELA-VISTA

Rua Dr. Sousa Martins, 14 a 16 Telef. 105
Telegramas: Belavista Apartado 1

LAGOA (ALGARVE)

AMBIENTE FAMILIAR
Amplios terraços mouriscos
expostos ao Sol matutino
e abrigados do norte

Um autêntico sanatório natural
Esplanada e salão de chá com
televisor «Siemens» écran 56

SERVIÇO DE PENSÃO OU RESTAURANTE

Comida 100% regional e caseira,
sem intromissão de exotismos

Doces de fabrico caseiro e
outros aperitivos lagoenses

Jardim de feição andaluza

Zona das mais lindas furnas e praias
— solitárias da costa algarvia —

Sossego e repouso para
quem desejar

ON PARLE FRANÇAIS
PREÇOS COMPATÍVEIS

Apetreçamento hoteleiro da praia de Quarteira

Segundo refere o nosso prezado colega «A Voz de Loulé», entraram recentemente na Secretaria da Câmara Municipal daquele concelho, os pedidos de aprovação de dois projectos, um dos srs. Atilio Forte e Ilídio Carvalho, para a construção de um motel e 15 habitações e outro do sr. Carlos Abel de Sousa Brito, de Carcavelos, em que se prevêem as construções de um motel com 20 quartos e piscina, de um restaurante com boteguim (snack-bar), de 32 celas familiares, e de um supermercado.

Automóvel «CONSUL»

Como novo. Pode servir para a praça. Vende José Pereira Júnior, Estrada da Penha, 43, Telefone 416 — FARO.

«GRANDE ENCONTRO DA JUVENTUDE»

Por iniciativa de um grupo de dirigentes da Acção Católica Juvenil, realizase em Lisboa em 20 e 21 de Abril, um «Grande Encontro da Juventude».

O COMÉRCIO DOS FRUTOS SECOS

(Conclusão da 1.ª página)

quias locais uma média de 26 contos por ano, sustentando 192 habitantes, enquanto que a mesma área da nossa Província apenas rendeu 11 contos e sustentou 64 habitantes...

É o mais interessante é que cada algarvio teve que pagar em média, por ano, 162\$80, enquanto que um habitante da terra melhor aproveitada do distrito de Aveiro, apenas pagou 134\$10... isto, não obstante o sal do Algarve custar menos do que o sal de Aveiro, como de todos é sabido...

Por isso o sr. dr. Jorge Correia salientava que devia ser preocupação de todos nós, que as indústrias de destilação da alfarroba e do figo e a concentração e refinação deste álcool, funcionassem com proveito económico-social para a província onde se produzam as respectivas matérias-primas.

Na verdade, as nossas alfarrobas são destiladas — quando o são — em Torres Novas, e os figos de caldeira (cerca de 250.000 arrobas, por ano) nem todos são destinados no Algez... o que origina que se não disponha do bagaço para o fomento da pecuária.

Partindo do princípio que a semente da alfarroba tem o preço actual de 5\$20 o quilo e o álcool deste fruto, de 5\$50 o litro, os cálculos que a seguir indicamos, conduzem-nos ao preço do triturado de 1\$66 o quilo, como a seguir demonstramos:

Cada tonelada de alfarroba concorre para a formação do preço da venda actual, como segue:

100 quilos de semente a 5\$20	520\$00
900 quilos de alfarroba triturada a 1\$40	1.260\$00
	1.780\$00

ou seja a 26\$70 a arroba, o que, descontando os 1\$50 de moagem e separação, conduz ao preço de 25\$20, portanto mais 1\$20 do que o valor de compra actual.

Por outro lado, uma tonelada de alfarroba, levada ao fabrico do álcool, nas condições técnicas per-

feitas e como pretendiam, há mais de 2 anos, três industriais de Faro, renderia o seguinte:

100 quilos de semente a 5\$20	520\$00
180 litros de álcool a 5\$50	990\$00
630 quilos de forragem com 10% de açúcar a \$80 o quilo	504\$00
	2.014\$00

Haveria, pois, um aumento de 234\$00, o que representa um acréscimo de 11% do valor primitivo.

Deste modo se obtém um valor de 30\$20 a arroba de alfarroba e para o seu triturado, 1\$66 o quilo, ou sejam, menos \$09 o quilo do que é pago nesta ocasião no mercado italiano, da alfarroba ali produzida, onde, como é sabido, grande parte do álcool industrial é obtido a partir deste fruto.

É claro que estes números são para o valor do álcool industrial a 5\$50 o litro. Porém, os seus valores, nas fábricas produtoras de Torres Novas, são, actualmente, de 10\$20 o litro, o desnaturado, e 12\$25, o puro; e se fossem estes valores os adoptados, o leitor facilmente poderia calcular o rendimento de uma arroba de alfarroba, mesmo depois de descontadas as despesas de laboração.

Como o leitor deve estar recordado, o alvará que chegou a ser concedido em 1960, para a montagem da destilação da alfarroba, para álcool, em Faro, foi posteriormente anulado.

Por outro lado parece ser de boa política que, para valorização dos produtos agrícolas, as respectivas cooperativas os possam industrializar, como sucedeu recentemente na região limitrofe de Torres Novas, onde existem as antigas destilarias de álcool de figo.

Todos sabemos que entre nós, algarvios, estas ideias de união de esforços, num determinado sentido construtivo, são quase sempre baldadas, esbarrando com o egocentrismo de alguns, o não-te-rales de bastantes e a maledicência da grande maioria.

Foi por isso que o sr. B. B. se opôs à ideia da criação das cooperativas de frutos secos no Algarve, sugerida pelo deputado sr. dr. Jorge Correia, esquecendo-se, por exemplo, que as uvas de Lagoa chegaram a vender-se a 18\$00 a arroba, antes de existir a Adega Cooperativa respectiva, e que o ano passado elas atingiram os 55\$00 a arroba, tal a boa qualidade dos produtos que

fabricou e acreditou no mercado nacional.

Poderá o sr. B. B. retorquir que o vinho de Lagoa é produto bastante valorizado, devido à sua escassez...

No entanto, nós respondemos-lhe que na região onde o vinho sobeja para o consumo, são as Adegas Cooperativas que o valorizam igualmente, e a Junta N. do Vinho adquire-o ao lavrador, no corrente ano, o de melhor qualidade, a 2\$60 o litro. Depois, entrega-o ao exportador a 1\$50 o litro, para poder concorrer com o vinho espanhol, recebendo a diferença de outras fontes.

A referida Junta começou naturalmente, por subtrair o vinho à lei da oferta e da procura, a ponto de os grandes armazénistas adquirirem frequentemente o vinho para o mercado interno aos depósitos da Junta.

Explica-se assim, perfeitamente, a existência, ao mesmo tempo, das cooperativas e dos armazénistas, com proveito para produtores e comerciantes, que é uma ideia que parece amedrontar certos algarvios...

Ora, isto que se passa com o vinho, quase sucede com o azeite, em que o respectivo organismo coordenador constituiu reservas próprias e alheias, nos armazénistas, trabalhando a bem da lavoura.

Consta-nos que a Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve entende que não é difícil dizer o que está mal neste assunto do comércio dos frutos secos, mas é difícil indicar um remédio de cuja possibilidade e eficiência esteja certa, mantendo os seus dirigentes o prudente silêncio de Conrado, neste agitado problema que já subiu aos Passos Perdidos.

Parece-nos, salvo o devido respeito, que neste problema temos organismos a mais e chefes a menos — pois não nos faltam os Grémios da Lavoura, onde, por lei, todos os lavradores estão obrigatoriamente inscritos e pagam quotas. Ora, estes organismos e corporativos primários, segundo se lê na lei n.º 1.957, de 1937, têm por fim, entre outros, o de auxiliar os agremiados na colocação e venda dos seus produtos ou promover a venda dos mesmos, por incumbência dos produtores e em execução das regras estabelecidas para a defesa da economia nacional; e possuem armazéns, celeiros, adegas, máquinas, etc. e, ainda, promover a criação de Caixas de Crédito Agrícola, Cooperativas de Produção e Consumo, ou qualquer outra forma de cooperação permitida por lei, em benefício exclusivo dos agremiados e dos trabalhadores agrícolas.

Como o leitor está lendo, não é por falta de leis justas e sábias que os lavradores algarvios não têm os seus legítimos interesses, devidamente acatados.

É, quanto a nós, por falta de bons chefes, dinâmicos e que possuam o poder de actuação oportuna na sua defesa. Que o leitor atente neste bocado de ouro que respizámos do boletim do Fundo de Fomento de Exportação, quando ataca o problema de frente, dizendo, no n.º 154 de 10 de mês findo, além do mais, que por toda a parte, as condições de vida, a complexidade e a permanência dos problemas e das acções construtivas, estão fazendo ruir as muralhas do egocentrismo; e, todavia, o nosso individualismo de meridionais persiste na incompreensão do espírito de equipa, e das enormes vantagens que sempre resultam do seu trabalho...

Por isso terminamos, por hoje, chamando a atenção de quem de direito, para as considerações com que na Assembleia Nacional o sr. dr. Jorge Correia terminou as suas considerações: «Confidamos, os algarvios asseguram que o Governo resolva este problema que se arrasta, parecendo não ter solução, comprometendo, por esse facto, a capacidade dos homens.

«Temos de resolver os problemas na escala dos interesses nacionais, sem puxarmos mais por este ou aquela região, por esta ou aquela província, já que, como princípio fundamental da nossa ética, nos propusemos não servir clientelas.

«A nossa clientela deve ser apenas a Nação!»

UM LAVRADOR

P. S. — Já depois de escrito o que antecede, lemos o que escreveu o sr. Teófilo Fontainhas Neto, grande comerciante de frutos secos e armazénista de mercearias em Messines, que nos mereceu muita consideração, não obstante as inconsiderações com que julgou os nossos modestos escritos.

Como dissemos atrás, o valor do triturado da alfarroba, a 1\$75 o quilo, é na Itália, e vem no «Fundeexport» de 30-12-1962, ou seja o valor de 5700/5900 liras o quintal métrico; e 3800 liras, ao câmbio de 204,6, conduziu ao preço de 1\$71,8 o quilo.

No mesmo boletim vinham as cotações da alfarroba inteira e da grainha, que indicámos neste jornal em 9-2-1963, e assim se esclarece que a alfarroba é italiana e não portuguesa; e que o preço da alfarroba inteira, no estado de caminho de ferro de Fátima (com certeza que ensacada), a 2\$550 a arroba, valia 30\$50, depois da simples operação de moagem e separação, mecânicas...

Ainda bem que o sr. Fontainhas Neto nos veio ajudar, com as suas considerações, a esclarecer este intrincado problema do comércio dos frutos secos, em que todos, lavradores e comerciantes, se queixam, na esperança de não perder mais.

As outras dúvidas postas vão ser devidamente estudadas e oportunamente respondidas, porque assim o exige, não só o valor dos frutos secos algarvios, como também o sentimento patriótico de não diminuição da população algarvia, como vimos atrás.

Segundo se lê a páginas 75 do Boletim da Junta Nacional das Frutas, ano XXI — 1961, aquele valor médio anual no decénio de 1952-61, foi o seguinte:

Amêndoa em casca	9.000 e 60.000
Figo	17.000 e 40.000
Alfarroba	40.000 e 56.000
Grainha	30.000 e 20.000
Totais	69.000 e 176.000

E antes de prosseguirmos, aconselhamos o leitor a consultar o referido estudo, intitulado «Os frutos e produtos hortícolas na economia do Algarve», do eng. agr. algarvio José Manuel Soares, porque ele ajudá-lo-á a compreender o que parece incompreensível — mas não é.

UM LAVRADOR

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Ainda que o teu amor
Seja, apenas, falsidade,
Abençoada mentira!...
Nunca me fales verdade!

Rosa Silvestre

Leia e aproveite

É natural que as crianças à beira-mar, anhem um bocadinho de sol o que é benéfico para a saúde. No entanto é conveniente resguardar a cabeça.

Cuidar sempre do arranjo pessoal seja qual for a idade, pondo uma nota de elegância e simplicidade em tudo que a rodeia e contribua para a eterna juventude e felicidade.

As mangas curtas deixam a descoberto os cotovelos e alguns aparecem enrugados e escuros. Para evitar essa má aparência, aplique duas vezes por semana um banho de óleo de amêndoas doces.

Seja calma, e não se irrite à primeira contrariedade. Domine os nervos e verá como a saúde tem a ganhar com isso.

Para discutir qualquer assunto, não é necessário elevar a voz, dando a ideia de que está de zaragata.

Todas as coisas devem ter o seu lugar e assim se evitam trabalho e perda de tempo.

Habitue-se a gostar das suas coisas e não ver só a beleza nas alheias.

Para o quarto do bebé, evite móveis supérfluos e cortinados pesados. Muito ar e muita luz, devem caracterizar o quarto dos pequenos.

Não se deite nunca sem desfazer por completo a manilha do dia; durante a noite a pele deve respirar livremente.

Não mude de marca dos produtos de beleza constantemente. Escolha uma marca que seja boa e se adapte ao seu tipo de pele. Só assim conseguirá um rosto fresco e juvenil.

Segredos da dona de casa

O meio mais simples, rápido e barato para limpar o cobre é o seguinte: água, 4 onças; ácido sulfúrico, uma onça; pedra hume (alúmen), duas onças. Com um pano molhado nesta água, esfrega-se o vaso de cobre que logo se tornará brilhante. No caso de somente se desejar limpar, pode-se diminuir a dose do ácido; querendo aumentar o brilho aumente-se-lhe o ácido podendo-se-lhe juntar pó de tijolo, passado por peneiras, esfregando fortemente com o líquido acima dito.

As fitas lavam-se da mesma maneira que as sedas de várias cores e depois de lavadas, dá-se-lhes o competente lustro com uma dissolução de cola de peixe bem fraca a qual se aplica pelo avesso da fita, com uma esponja; feito isto, em lugar de se colocarem a secar estendidas em cordas põem-se entre duas folhas de papel em cima de uma mesa, e com um ferro de engomar e sem crestar as fitas engomem-se por cima do papel. A medida que se vai engomando vai outra pessoa puxando pelas fitas em linha recta.

Para que se não queimem os pastéis ou massas que tenha no forno basta meter lá uma pequena vasilha com água fria.

Para dar brilho aos cristais basta limpá-los com um pano húmido polvilhado de anil em pó. Depois lavam-se em água pura e limpam-se com um pano seco.

Como eles pensavam

Um talento forma-se na tranquilidade; um carácter na tormenta do mundo. — Goethe

— Não é a verdade que nos per-

de; é a maneira de dizê-la. — Voltaire
— A mulher é o coração do homem. — P. Lerony
— O alto valor que a vida tem, só podem conhecê-lo os que inspiraram e sentiram nobres e grandes afectos. — Maria Amália Vaz de Carvalho
— Os sentimentos mais naturais são aqueles que se confessam com maior repugnância. — Balzac

Também na cozinha se pode ser artista

Bacalhau à francesa — Em uma caçarola deita-se uma porção de cebola bem picada, um ramo de salsa, manteiga, pimenta e raspa de noz moscada, cobrindo-se tudo com o leite suficiente. Vai ao lume e, logo que ferver, deita-se-lhe o bacalhau cozido e limpo da espinha e das peles em pequenas lascas. Deita-se mais leite para cobrir tudo, acrescentando-lhe farinha de trigo. Deixa-se ferver até ficar bem cozido tudo.

Remédios caseiros

As úlceras das pernas devem expor-se ao sol, lavando-as de vez em quando com água argilosa não muito espessa.

Para combater a gripe tome sumo de laranja, duas ou três vezes ao dia.

A última refeição deve ser bastante leve e sempre acompanhada com uma xícara de chá de limão ou tília, para assegurar um bom sono.

Quando por qualquer descuido apañe uma intoxicação de nitrato de prata, beba imediatamente um copo de água dissolvendo nela, dez a quinze gramas de sal.

A água fria estimula a circulação e combate as varizes; por conseguinte quem sofre deste mal, deve fazer as suas lavagens sempre com água fria.

A palavra «livro» em

diversos idiomas

Livro — português e galego. Livre — francês. Livre — catalão, valenciano e marroquino. Libro — espanhol, italiano e esperanto. Libro — vasco. Liber — latim. Carte — românico. Codex — romanche (idioma do cantão de Valais, na Suíça). Book — inglês. Book — holandês. Buch — alemão. Bog — dinamarquês. Bok — sueco e norueguês. Buk — valapuque. Knika — russo. Knjiga — sérvio. Knjira — búlgaro. Ksiaska — polaco. Kirja — finlandês. Ketab — turco. Quetab — árabe. Sefer — hebraico. Biblion — grego. Deftar — egípcio. Su — chinês. Hon — japonês. Ar-mensalle — cigano.

O doce nunca amargou

Bolo da Polónia — 125 grs. de manteiga, 125 grs. de amêndoas descascadas, 100 grs. de açúcar, 100 grs. de farinha, cinco ovos e três colheres de rum. Bate-se bem a manteiga (que deve ser fresca) até ficar em creme; juntam-se-lhe os ovos, um por cada vez, e o rum; bate-se bem e misturam-se-lhe as amêndoas em picado miudinho, o açúcar e a farinha. Trabalha-se muito, até a massa ficar bem fina. Deita-se numa forma untada de manteiga e por cima uma camada de claras batidas a meio castelo e uma porção de amêndoas pouco pisadas. Coze em forno não muito quente. Retira-se deste quando estiver cozido e deixa-se esfriar para tirar da forma.

«agora não ria!»

— Você bebe? — pergunta o futuro sogro ao pretendente à mão da filha.
— Não! — responde esperançado, o rapaz.
— Bem, então segure nesta garrafa enquanto eu ato os sapatos.

FLAIR MODERNA REVISTA DA MODA FEMININA

Seleção de 200 modelos — Esc. 17\$50

AGÊNCIA WEMO — R. de O Século, 34, 3.º — LISBOA 2

TRESPASSA-SE EM FARO

Armazém com escritório e telefone no Largo do Mercado, o melhor sítio da cidade para qualquer ramo de negócio. Carta a este jornal ao N.º 2785.

Cine-Foz

Vila Real de Santo António
DOMINGO um filme raro! A minha gueixa, em technirama, com Shirley Mac Laine, Yves Montand, Edward G. Robinson e Bob Cummings. Um espectáculo em que o espírito anda de braço dado com a ternura e o maravilhoso. (Para 12 anos).

Casa na Praia

Devidamente mobilada em Armação de Pêra, aluga-se. Dirigir a António Machado Gomes Paulo, Rua Dr. Emiliano da Costa — FARO.

TERÇA-FEIRA, O mundo dos milagres, com Vittorio de Sica, Ivonne Sanson, Virna Lisi, Jacques Sernas, Marisa Merlini, Kerima e Amadeu Nazzari. A história de um amor simples, puro e belo num ambiente de deslumbramento! (Para 17 anos).
QUINTA-FEIRA, um filme cheio de humor (e amor), «suspense» e mistério! A volta de Callaghan, com Tony Wright e Geneviève. (Para 12 anos).

OS NOVOS

ADUBOS COMPOSTOS

CUF

vêm resolver os seus problemas de adubação...



não empregue outros adubos sem verificar as vantagens que os ADUBOS COMPOSTOS CUF lhe oferecem



PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS DIRIJA-SE AOS NOSSOS SERVIÇOS AGRONÓMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL AVENIDA INFANTE SANTO LISBOA

«LA HIGUERITA» FEZ CINQUENTA ANOS

(Conclusão da 1.ª página)

ga «La Higuierita», de Isla Cristina. Semanário modesto, despretensioso, antiquado mesmo, ele conseguiu vencer muitas asperas tempestades e exibir sempre triunfalmente o nome da sua bonita e laboriosa terra. O mérito desta persistência deve-se ao seu director e fundador, o nosso distintíssimo camarada Juan Bautista Rubio Zamorano que, ao cumprir agora 76 anos, olha desvanecidamente para o seu modesto jornal com a ternura com que olharia para um filho que sempre soube honrar o pai. Dos seus primeiros colaboradores só resta a memória — a morte levou-os a todos e sobrevive ainda — e oxalá que por muitos anos! — Don Juan Bautista que resume a história do seu periódico nestas linhas:

«Fundé mi periódico cuando contaba 26 años de edad y hoy cuento 76 años. Me hice Director-proprietario-administrador, sin otra finalidad alguna comercial, pues quería que mi pueblo tuviera un periódico y sólo así pude ver realizado mi deseo».

E efectivamente Isla Cristina pode envaidecer-se do seu semanário que foi escola de alguns dos grandes jornalistas da Espanha e que é hoje o decano da imprensa da vizinha provincia de Huelva. E tudo isto se deve à persistência, ao brío e ao amor enraizado que à sua terra dedica o velho Don Juan Bautista a quem nós, com grande respeito e cordialidade, saudamos.

OLHÃO TRESPASSA-SE

Mercearia com secções de Retroteiro, venda de pão e livros de aluguer, no melhor local da vila, em virtude do proprietário não poder estar à frente da mesma. Informa-se na Rua Diogo Cristina, 105 — Olhão.

ELECTRO GARBO OLHÃO

APARTADO 39 TELEFONE 279 Stock permanente de todo o material eléctrico para baixa tensão e material eléctrico doméstico. GRANDES DESCONTOS PARA RETALHISTAS E ÓPTIMOS DESCONTOS PARA ELECTRICISTAS

DE LAGOS

A juventude peca por ausência de civismo

Raras vezes nos é dado utilizar automotoras e camionetas de passageiros onde abundam alunos dos estabelecimentos de ensino secundário, que não tenhamos ocasião de verificar, por parte destes, actos demonstrativos de ausência de civismo, o que é para lastimar porque na juventude de hoje estão os homens que amanhã hão-de educar o povo, e as mulheres que virão a ser mães e portanto responsáveis em grande parte por uma Humanidade melhor.

O que se nota em público é de tal forma revelador de má educação que duvidamos de que se ter reflexo nas escolas, liceus e inclusivamente no lar, aqui muito especialmente por as liberdades dos pais para com os filhos atingirem pontos que repudiamos. O tratamento de pais para filhos, «tu cá, tu lá», poderá ser moderno, mas contribui, estamos convencidos, para a ausência de civismo que a juventude regra geral manifesta, até nas ruas por onde passa gesticulando e correndo sem termos, e pronunciando frases impróprias sem respeito por velhos ou novos.

Sobre o que versarão as aulas de moral nas escolas e liceus? Os professores, e sabemos serem alguns pastores da Igreja, são decerto pessoas com capacidade moral e possuidoras de educação, pelo que é de esperar que no sentido de minorarem os males que apontamos, dediquem algumas horas à formação cívica da juventude que a continuar a manifestar-se publicamente de tal forma, acabará por demonstrar que a instrução prejudica a educação.

Um acto que dignifica o Município

Porque fica bem ao Município contribuir na medida do possível para que a cidade mantenha quanto a possa valorizar, é-nos grato registar a deliberação que tomou de incluir no quadro dos funcionários municipais, o guarda do Museu Regional, sr. Carlos Dias do Vale, que sabemos ter deixado de concorrer a alguns empregos pela sua devoção à causa do Museu.

O facto é tanto mais digno de registo pela circunstância do fundador do Município, José dos Santos Fimemta Formosinho, ter deixado este Mundo, convencido de que seria realizado em breve o acto que agora se consumou, e, bem vistas as coisas, representa além de tudo uma homenagem à memória do filho de Lagos que nos nossos tempos conseguiu realizar obra que não envergonha a cidade perante nacionais e estrangeiros.

Mais um melhoramento que desde há muito se impunha — Graças à Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, conta Lagos mais um melhoramento que desde há muito se impunha: a célebre vaia descoberta junto à estalagem de S. Cristóvão foi enfim coberta.

Outras valas existem no Rossio de S. João que também necessitam de ser cobertas, mas como consta que entidades interessadas no assunto, colaboraram com aquela Direcção-Geral, para que em segunda fase dos trabalhos algo mais se regule, façamos por merecer a atenção dos que superintendem nos destinos da Nação, para que pouco a pouco Lagos venha marcando a posição a que tem jus.

Luz na povoação da Luz — Com prazer registamos que ao Município foi possível dotar recentemente a povoação da Luz com o necessário para que a luz seja de molde a satisfazer, inclusive os subditos ingleses Greigg e Roye que sabemos terem colaborado para que se efectivasse tal melhoramento, pois como bem disse o actual presidente do Município, desejava que na povoação da Luz se visse luz que desse luz.

Oxalá outros melhoramentos venham a registar-se, pois na Luz existem valores ingleses que devidamente aproveitados podem fazer de tão risonha povoação aquilo para que está indicada: «estância de repouso para quantos, cansados da vida quotidiana dos grandes centros, necessitam contactar com a Natureza para uma velhice mais pacífica».

O primeiro abastecimento de batatas estrangeiras — O dia de Carnaval em Lagos foi assinalado pela presença de batatas estrangeiras que se venderam a 250. A quantidade destinada ao concelho foi insuficiente, dada a escassez do produto, e porque não houve talvez a preocupação de estipular um máximo de venda para cada lar, muitos lares ficaram sem uma batata. Os retalhistas a princípio hesitantes na aquisição por

terem tido conhecimento de que em Portimão algo se tinha passado de anormal, acabaram por se convencer da necessidade de colaborar e servirem o público, perdendo alguns cobres, visto que a margem de lucro de 10 por cento não dá sequer para cobrir a quebra natural da batata que em cada saco de 50 quilos chega a ultrapassar três quilos.

Verificamos, pois a necessidade de se reduzir o preço da aquisição ou aumentar o da venda pelo menos em 10 cada quilo, porque apesar de verificarmos que há retalhistas dispostos a vender o produto até com pequeno prejuízo, justo é que concordemos que vender com a certeza de perder é inaceitável.

Postos de abastecimento de combustíveis e estações de serviços — Temos referido e continuaremos referindo que Lagos não carece de mais postos de abastecimento de combustíveis, especialmente na Avenida que aqui se realizam que correspondam à sua majestade e não empecilhos como bem se podem considerar os tais postos de abastecimentos, que pessoas muito defensoras dos seus interesses têm diligenciado instalar numa artéria que promete vir a ser das mais concorridas do Algarve.

Lagos carece, sim, de estações de serviço dignas de tal nome, pois presentemente não tem uma sequer que beneficie carros pesados que, para vergonha nossa, vão ser beneficiados em Portimão, apesar de, segundo os entendidos a estação da Sacor ter condições para o efeito.

Oxalá se transforme em realidade o que nos constou sobre uma estação de serviço em condições de executar todas as reparações de carros ligeiros ou pesados, no local do posto de abastecimento de combustíveis que tanto deu que falar, e foi motivo de orgulho e contentamento nosso, contrariando a ideia. Não poderemos condenar, mas sim louvar um posto de abastecimento de combustíveis agregado a estação de serviços que honre a cidade, porque Lagos necessita de acompanhar o progresso de outras cidades, que menos privilegiadas pela Natureza, têm filhos que se unem para conseguir mais e melhor.

Pão e padarias — O pão, alimento número um do homem, produzido com farinhas de tipo corrente especial e extra, parece que deveria ser sensivelmente igual em qualquer padaria. Em Lagos, porém, acontece que existem padarias onde o pão satisfaz no aspecto e no fabrico, mas quem o há que raras vezes satisfazem no respeitante a fabrico, talvez por conveniência própria.

O pão segundo a lei deve ser pesado e como estando mal cozido ajuda ao peso, argumentando-se muitas vezes que há fregueses que não gostam do pão muito cozido, há quem o deite fora em massa mas com aspecto exterior que agrada à vista. Ora, como o povo necessita de pão que agrade ao paladar e não prejudique o estômago, que nos seja dado ver todas as padarias apresentarem pão bem cozido para o que se nos afigura necessária acção conciente de todos os industriais de panificação.

Preparação para a 4.ª Grande Prova de Iniciação em Ciclismo — Felizmente Lagos promete representar-se nesta 4.ª prova de ciclismo. No dia 3, às 13 horas, apesar da chuva que caía viram-se na Avenida dos Descobrimientos cinco ciclistas que depois de um percurso relativamente grande, deram algumas voltas para provarem a sua competência a quando do campeonato regional a realizar em Faro no dia 17. Classificaram-se em 1.º lugar, Josino Albino Furtado; 2.º, João Manuel Duarte Landeiro; 3.º, João Carlos da Silva Correia; 4.º, Joaquim da Graça Duarte; e 5.º, Fernando Rodrigues Franco.

Esta prova realizou-se graças à colaboração do Município com a Casa Leonel do Carmo Cerol. A comissão organizada para o efeito, constituída por José Gregório Barreto, Manuel Veríssimo de Melo Augusto, Luis Narciso da Glória e onomástico de José António da Glória Santos, está deveras reconhecida à P. V. T., G. N. R. e sr. dr. Paz Pereira, pela colaboração leal e desinteressada que tão prontamente dispensaram. Foi-nos grato em demorada troca de impressões com a comissão, constatar que todos os componentes estão animados da boa intenção de realizarem uma ou mais corridas no sentido de angariarem fundos para o Centro de Assistência de Nossa Senhora do Carmo e Cantina Escolar de Lagos, pois que estas instituições são, de facto, as que mais assistência prestam em Lagos. Porque conhecemos os componentes da comissão e os julgamos capazes de realizar, estamos convencidos que o ciclismo será um dos atractivos para os turistas que nos visitarem na próxima época balnear. Os corredores agora incluídos são pobres de recursos, mas talvez ricos na vontade de mostrar que Lagos, quando quer, sabe mostrar o que vale, e assim é de esperar que as entidades, oficiais ou não, patrocinem não só a deslocação dos corredores a Faro, mas quanto de futuro possa contribuir para que se valorizem.

As paredes «monas» da povoação da Luz — Infelizmente os «monos» verificam-se até nos locais de maior nomeada, e, assim, não é de estranhar que na risonha povoação da Luz pelas belezas naturais com que Deus a dotou, surjam «monos» próprios de pessoas que desejando o sol só para si, fazem erguer paredes que mais se assemelham a muralhas de resguardo às suas propriedades, para separação destas e de uma rua que serve ao público com este sentido desafortunada, pelo menos de horizontes vastos.

Deus escreve direito por linhas tortas, diz o povo e tem razão. Não nos alegramos com os prejuízos de quem quer que seja, mas ao verificarmos que ruíram parte nas paredes monas que afrontam o caminho que margina a praia da Luz, inquirimos: não será a Natureza que associada à obra que se impõe os homens realizem e já viram que é de realizar, abriu caminho para que se apresse a desobstrução completa substituindo-a de estranhar que as construções que são de conservar, por outra que proporcionem vida ao local mais belo da povoação da Luz? O caminho que margina a praia da Luz que como avenida principal da povoação, promete sob todos os pontos de vista, é digno de atenção de nacionais e estrangeiros. Não nos estranhamos de ver revelado até desejosos de progressos, afigura-se-nos acertado solicitar o seu patrocínio no sentido de mais e melhor desajogo, mais e melhor compreensão, numa palavra, de mais e melhor colaboração.

Joaquim de Sousa Piscarreta

noticias do CONDE BARÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42 - Lisboa-2

SORTEIO PARA TODOS

X) Monumentos de Lisboa

Agora todas as semanas com VINTE PREMIOs, apresentamos mais uma figura dum monumento, sobejamente conhecido, para o qual temos, esta semana, os seguintes brindes: 1.º — Um «americano» de Astralon, para senhora, no valor de 125\$00; 2.º — Um fatiño de malha de algodão mer-

PREMIADOS NO SORTEIO N.º 7 — Com um jogo em Turco, composto de um lençol (grande) e quatro toalhas em dois tamanhos, no valor de 95\$00, Maria do Rosário Arcaño, Escola Feminina de Santa Luzia (Tavira); com um Babby Doll, em Nylon, no valor de 75\$00, Maria Júlia P. Serra, Rua José Cunha Taborada, 17, Fundão; com uma combinação de Nylon, com rendas, no valor de 35\$00, Rosa Silva, Travessa S. João de Deus, 7, Funchal; com um corte de 2,50 m., de xadrez misto de lá, no valor de 25\$00, Alberto Mascarenhas, Santo Estêvão (Tavira) e com um lenço de Lã Mohair, no valor de 17\$50, Antónia Maria Gonçalves, Largo da Conceição, Fundão.



10

cerizada, para bebé, no valor de 60\$00; 3.º — uma capa plastificada, para homem, no valor de 55\$00; 4.º — uma caixa com 12 lenços, para homem, no valor de 36\$00 e 5.º — uma toalha de praia, com franja, no valor de 25\$00.

PREMIO ESPECIAL a atribuir entre todos os concorrentes deste jornal: um saio de Nylon 100%, com lindas, mas lindas rendas, no valor de 37\$50.

PREMIOS DE CONSOLAÇÃO: Serão atribuídas 12 capas plásticas Pluma, no valor de 10\$00, a outros tantos concorrentes.

Para se habilitarem a este conjunto de prémios, constituídos por artigos que estão à venda nos célebres ARMAZENS DO CONDE BARÃO, devem cortar a figura e colá-la num postal (só aceitamos em postal) indicando o nome do monumento e endereçando-o para a morada indicada ao cimo destas «notícias». A aceitação dos postais para o sorteio desta semana, termina no dia 23 do corrente.

Todos os premiados vão receber seguidamente, pelo correio, os prémios respectivos. A todos que não foram premiados aconselhamos a leitura de «O Nosso Correio». Resta confirmar que o monumento relativo a este sorteio era efectivamente a estátua erigida em memória do grande Marquês de Pombal.

Valonas em cores encantadoras, riquíssima qualidade, metro 5\$50

Capas plásticas para homem, senhora e criança, 10\$00, todas com capuz



O NOSSO CORREIO

AVISO AOS CONCORRENTES DOS NOSSOS SORTEIOS — Durante a última semana de Fevereiro e nos primeiros dias de Março efectuámos o envio total das lembranças que estavam em atraso, finalizando desse modo tais envios. Se algum concorrente não recebeu a lembrança a que tem direito, deve indicá-lo, a fim de que seja enviada, pois pode ter havido dificuldade de compreender o nome e morada para a podermos remeter.

NO AR COM OS «PARODIANTES» — Todos os dias, de segunda-feira a sábado, pelas 13 horas, os «Parodiantes de Lisboa», através do Rádio Clube Português, transmitem os mais recentes sucessos dos ARMAZENS DO CONDE BARÃO. Ouça-os e ficará a par das últimas novidades em artigos e preços.

SECCÃO DE AMOSTRAS — Enviamos amostras do nosso sortido, sem qualquer compromisso. Normalmente são remetidas no próprio dia em que recebemos o pedido, sendo oferecido juntamente um belo saco plástico.

SERVIÇO DE ENCOMENDAS — Atendemos qualquer valor de pedido. O envio é feito pelo correio contra-reembolso. Todas as encomendas levam um brinde prático em plástico, de utilidade no lar.

MEIAS DESCANSO, incomparáveis, par 37\$50 (Avisamos que na semana passada o preço indicado para estas meias estava incorrecto e de outro artigo) COMBINAÇÕES DE NYLON 100%, com lindas rendas, todos os tamanhos e cores, 35\$00

PARA OS VESTIDOS COMO PARA A BELEZA



PARIS, como se sabe, é a Capital da Moda, tanto no que respeito aos vestidos como à maquilhagem e tratamento da pele. Faça como as parisienses, use com regularidade o Creme Nutritivo Tokalon com Biocel. Obterá resultados surpreendentes: o Biocel que este creme contém é um verdadeiro rejuvenescedor que al-

menta a epiderme, dando-lhe uma nova vitalidade e firmeza. A irritação, vermelhidão e rugas atenuam-se e desaparecem progressivamente, ficando a pele lisa e macia, com uma aparência de juventude. Seja qual for o estado da sua pele, notará a diferença imediatamente.



TRAGA NA MALA DE MÃO, O SEU Pretty Quick O creme-pó PRETTY QUICK de Tokalon dá ao rosto aquela tom natural que tanto admira. O creme-pó PRETTY QUICK de Tokalon dá a garantia de não secar a pele

Companhia de Pescarias Balsense no Algarve Assembleia Geral Ordinária Convocatória

São convocados os Srs. Accionistas da Companhia de Pescarias Balsense no Algarve, a reunir-se em Assembleia Geral Ordinária, na sede da Sociedade, nesta cidade, no dia 17 de Março próximo, pelas 15,30 horas, para apreciar e aprovar ou modificar o relatório e contas da Gerência da Direcção, relativas ao exercício de 1962, o parecer do Conselho Fiscal, e bem assim proceder à eleição dos respectivos Corpos Gerentes para o biénio de 1963-64, conforme o disposto no § único do art.º 33.º dos Estatutos, e fins consignados no art.º 34.º dos mesmos Estatutos.

Não podendo a Assembleia funcionar nesse dia por falta de número de accionistas ou suficiente representação de capital, fica a mesma desde já convocada para o dia 31 de Março referido, no local e hora indicados.

Tavira, 18 de Fevereiro de 1963.

O Presidente da Assembleia Geral, João Carlos Maldonado Antunes Centeno

PARA SOUTHAMPTON (DIRECTO) O PAQUETE RÁPIDO «BRITTANY» — 20.080 tons. — 20 Nós — EM — 30 de Março SERVIÇO REGULAR RÁPIDO AR CONDICIONADO E RÁDIOS NOS CAMAROTES ACEITAM-SE PASSAGEIROS PARA AUSTRÁLIA (VIA SOUTHAMPTON) — EM CLASSE ÚNICA — AGENTES GERAIS: SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA. 72-D, Avenida D. Carlos I - LISBOA - Telef. 66 50 54 - 67 23 19

O II Salão Algarvio de Arte Fotográfica realiza-se em Junho

(Continuação da 1.ª página) Nos diapositivos basta indicar o pseudónimo, a secção e o número do trabalho que é indicado no boletim de inscrição.

Os trabalhos fotográficos são enviados ao II Salão Algarvio de Arte Fotográfica, Círculo Cultural do Algarve - Faro, acompanhados do boletim de inscrição, da taxa de 25\$00, por cada grupo, e de uma carta fechada e lacrada, onde o concorrente escreveu, exteriormente, o seu pseudónimo e dentro o seu nome, endereço e pseudónimo. A remessa, quando feita pelo correio, deverá ser devidamente acondicionada e sob registo e, quando entregue pessoalmente, contra recibo.

Todas as produções premiadas, com excepção das menções honrosas, ficam pertença do Círculo Cultural do Algarve, que se reserva o direito de as expor ou reproduzir, sempre que entender, em revistas, na imprensa ou em folhetos e catálogos publicitários dos seus Salões, obrigando-se, em tais casos, a indicar o nome do respectivo autor. No caso dos diapositivos premiados, desde que sejam entregues cópias destes ao Círculo, serão devolvidos os originais aos seus autores. O prazo de aceitação dos trabalhos termina em 1 de Maio.

CASA Vende-se em Vila Real de Santo António, sítio na Rua Dr. Sousa Martins, n.º 87. Tratar com Manuel da Costa Cardoso, na mesma vila. SENHORA 25 anos, apresentável, 1.º ciclo, exame dactilografia, prática escritório, pretende emprego (Olhão ou Faro). Resposta: Rua Luís de Camões, 7 - Olhão.



Agora chaves de todos os tipos em 1 minuto:

Com a máquina automática sueca «COPIAX», que adquirimos para servir os nossos clientes com a maior rapidez e perfeição.

CASA GRALHO Rua General Trindade, 10 — Telef. 507 — FARO

Dentro de pouco tempo a juventude do homem começará aos 50 anos

NINGUEM sabe de ciência certa por que envelhecemos. Um famoso cientista afirma que, se durante toda a vida, tivéssemos a resistência, as emoções e as doenças que tínhamos aos dez anos, quase metade da Humanidade atingiria os setecentos anos. Nos últimos tempos têm sido interessantes os progressos alcançados no campo da gerontologia. Nos laboratórios de todo o Mundo estudam-se as doenças da velhice e os processos de envelhecimento dos seres humanos. No ano de 1900 a gerontologia não era mais que uma palavra grega que significava velhice. A média de vida do ser humano era de quarenta e sete anos; actualmente é de setenta. Em meio século conseguiu-se um importante progresso, com a medicina preventiva, medidas sanitárias e descobertas científicas. Esperam-se nos próximos cinquenta anos resultados espectaculares se se conseguir vencer as doenças cardíacas e o cancro. Mas à medida que se prolongue a vida terá que se fazer tudo o possível para que esta não perca nem o seu sentido nem a sua felicidade. O dr. Falzone afirma: «Tem que se conseguir acrescentar anos à vida e vida aos anos».

Os investigadores do campo da gerontologia estudam cuidadosamente as alterações que se verificam na anatomia humana. Se já passou dos cinquenta anos deve estar a acontecer-lhe qualquer destas coisas: o seu nariz aumentará de tamanho e haverá diminuição do sentido do olfacto. Perderá um pouco de voz, engordará ou perderá peso; os seus músculos reduzir-se-ão e o ritmo cardíaco será mais lento; respirará com menos capacidade e mais lentidão; perderá cálcio e sais minerais; os seus cabelos tornar-se-ão cinzentos e fracos; a pele relaxada perderá luçania; as veias e artérias engrossarão. Todas estas transformações misteriosas que se verificam no corpo do ser humano não são inevitáveis. Isto afirmam os cientistas. Nem as árvores nem os peixes morrem de velhice. O estudo do processo do envelhecimento faz-se na base de que não há razões para o homem cair na decrepitude. Que a saúde e o vigor podem durar pelo menos até à idade dos cem anos.

Uma das experiências mais discutidas está a realizar-se na Suíça pelo famoso cirurgião Paul Néhans. Pela sua clínica passaram personalidades famosas de todo o Mundo. Somerset Maugham, Gloria Swanson, Chaplin e Adenauer. O seu sistema é a terapia celular. Afirma que cada um dos quarenta trilhões de células que há no nosso corpo é um «portador de vida». Substituindo novas por velhas, o organismo mantém-se jovem e são. Paige, jogador de «baseball» norte-americano que aos sessenta anos estava no activo foi examinado certa vez num congresso de gerontologistas que ditou este diagnóstico: «É possível que o resto do seu corpo tenha entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos, mas o seu braço direito não tem mais de dez anos».

Muitas das obras-primas da Humanidade foram levadas a cabo quando o seu autor era um ancião. «Fausto» escreveu-o Goethe aos oitenta anos; Ticiano deixou de pintar aos oitenta e cinco. Na actualidade Chaplin continua a fazer cinema; Picasso, pinta; Chevalier, canta e Adenauer suporta o peso de grandes responsabilidades políticas.

Na quarta-feira chegam a Monte Gordo os concorrentes do «Rally» Internacional Algarve-Estóril

(Conclusão da 1.ª página)

A Comissão Municipal de Turismo de Vila Real de Santo António e a gerência do Hotel Vasco da Gama oferecem taças ao português e ao estrangeiro que melhor se classificarem na prova complementar, sendo os prémios entregues em festa dedicada aos automobilistas e que se efectua na «boite» do Hotel «brilhantada» por orquestra e em que estará presente o Rancho Folclórico de Alte.

Espera-se que as populações por onde passem os automobilistas lhes dispensem agradável recepção, saudando-os à sua passagem.

Onde reside o mistério? Chevalier esclarece: «A vida não começa aos trinta ou quarenta anos, começa todas as manhãs. Para ser jovem tem que se começar quando se é jovem, antes dos anos passarem. Comer, beber e fumar com moderação, dormir oito ou nove horas, caminhar quatro quilómetros e fazer ginástica, isto antes do organismo estar gasto».

Adenauer afirma que o cérebro humano pode funcionar até aos 130 anos. «O meu segredo é o repouso. Dormir muito, pequenas sestas e férias ao sol».

Cocteau é outro jovem-velho. A sua vida, de intensa actividade, apresenta as mais variadas facetas: poeta, novelista (cinco novelas), dramaturgo (17 peças), crítico, director de filmes, decorador, jornalista, pintor e filósofo. A corrente eléctrica que o mantém em intensa actividade é um dom do céu. A sua ânsia de viver não o deixa quase dormir. Aos 73 anos Cocteau passa muito tempo no campo onde a sua criação intelectual e artística encontra a liberdade de ambiente.

Cary Grant, o eterno galã de cinema, diz que precisou de vinte anos para aprender a envelhecer. Agora não se envenena nem com a sua idade, nem com álcool, nem com o tabaco, nem com as obrigações. Aceita a vida tal como se apresenta e sente-se bem dentro da sua pele. «Se me sinto jovem é porque sou jovem!»

PATRICK FORES

Alguns aspectos da economia agrícola do Algarve

No dia 21, na Casa do Algarve, realiza uma conferência sobre «Alguns aspectos da economia agrícola do Algarve — Fruticultura», o nosso comprouviciano sr. Libânio Correia. Seguir-se-á uma troca de impressões com alguns técnicos agrícolas.

BARCO

Vende-se barco equipado com motor diesel «SKANDIA», 17 HP, tipo moderno, e apetrechado com sacada, caçanal, tresmalho e todos os utensílios indispensáveis à pesca. Tudo em bom estado.

Também se vende só o barco. Tratar com FRANCISCO RIBEIRO — ARMAÇÃO DE PERA.

Os bombeiros de Faro precisam de um helicóptero

Vai um reboliço enorme por esse Algarve fora. É que estamos assistindo à descoberta desta escondida Província que o Alentejo tão cruelmente tem mantido sob o seu longo e asfixiante braço. O gigante da planície foi batido no tempo e a moirazinha aparece finalmente, transportada nas asas da viação moderna, muito próxima das grandes urbes. A Garbe mimosa moderniza-se e mostra-se cheia de alegria e rubra de entusiasmo.

Com pretensões proféticas, já se nos afigura ver, nos próximos dez anos, esta praia de trinta léguas transformada num ruidoso acampamento de gente activa, milagrosamente mudada. O estímulo chegou e tudo se conjuga para que a transformação seja tão rápida que os mais ousados sonhadores se sintam pequenos e ultrapassados.

Com barragens, devidamente aproveitadas para o turismo; com um aeroporto internacional; com uma auto-estrada litoral; uma ponte sobre o Guadiana e as conseqüentes actividades que tudo isto vai fomentar, o Algarve, em declínio populacional, vai desconhecer-se.

Vai com certeza fixar os que estão deabalada e fazer regressar muitos dos que já partiram. A maratona de mutação, já iniciada vai criar uma vida nova a processar-se no ritmo das velocidades que a fomentam. E, se esta vida nova exige coisas novas, está feito o preâmbulo ao assunto em epígrafe.

Faro precisa de um helicóptero; o mais moderno e o mais eficiente meio de acesso a lugares difíceis; o melhor veículo automóvel em todas as circunstâncias. Pedir-lo para qualquer corporação, em qualquer vilarejo, seria, por agora, ideia ridícula; mas desejá-lo para uma capital que é o centro geográfico da Província, que dispõe de um bem apetrechado hospital e competente corpo clínico, não nos parece demasiada ousadia. O helicóptero, com diversas aplicações, é sobretudo uma boa ambulância e o único pronto socorro que vai a toda a parte. Vai mesmo junto de grande parte da população que vive longe das estradas, em lugares inacessíveis a qualquer outro veículo capaz de prestar assistência rápida ou transportar doentes em estado grave. Uma simples chamada telefónica, já hoje possível em qualquer parte, proporcionaria aos que se debatem em aflicção, uma rêssea de esperança e a certeza de que o progresso serve para alguma coisa.

Morreu há dias, nos braços dos que a transportavam, uma criança intoxicada que não resistiu às longas horas de caminhada em busca de socorro. Casos como este são frequentes. Bem sabemos que desde sempre isto acontece, mas também é certo que desde sempre se morre e nem por isso afrouxou ainda a luta, cada vez mais renhida, contra a doença. É nosso dever lançar mão de todos os recursos para tornar a vida menos difícil. E o helicóptero é um dos recursos do nosso tempo, utilizado já por toda a parte, desde as estepes geladas às florestas tropicais.

Está perfeitamente ao alcance dos algarvios que tão afoitamente aceleraram o passo em direcção ao futuro. Assim o entenda quem possa sancionar a ideia. Assim o queiram todos e o Algarve muito brevemente disporá de uma ambulância aérea que a cada um pode ser útil quando menos o espera.

TOMÉ ALFACINHA

O Jornal do Algarve vende-se em Vila Real de Santo António, na HAVANEZA Rua Teófilo Braga.

SUPERDRINE

O melhor adubo fosfatado insecticida.

SUPERDRINE contém 18% de ácido fosfórico e 1% de aldrin.

SUPERDRINE fertiliza as terras e, ao mesmo tempo, mata os ALFINETES, RALOS, PÃES DE GALINHA e outros insectos do solo que prejudicam as culturas.

SUPERDRINE É UM PRODUTO

LISBOA

R. Vitor Cordon, 19

Telef. 366426



ALGARVE Agência em FARO: Largo de Camões, 10 Telef. 253

Depósitos e Revendedores no Continente, Ilhas e Ultramar

MAIOR ECONOMIA

ESTANTES • ROUPEIROS ARMAÇÕES • VESTIÁRIOS MADEIRA DE PINHO

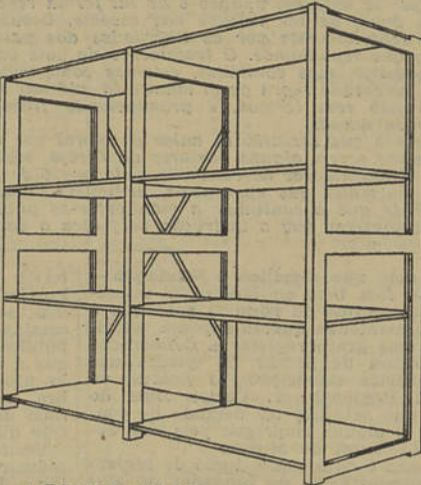


Patente Registrada

- ★ FÁBRICAS
★ ARMAZÉNS
★ ESCRITÓRIOS
★ OFICINAS

FABRICANTE EXCLUSIVO:

MÓVEIS OLAIO LISBOA



AGENTE EM FARO

MÁRIO R. PEREIRA

R. Pedro Nunes, 1 — Telef. 937

CRÓNICA DE PARIS

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TURISMO

DEPOIS da última grande guerra, o turismo internacional na Europa tem conhecido de ano para ano, um desenvolvimento considerável. O que era nos primeiros anos privilégio de alguns, não tardou a impor-se depois, nos países socialmente mais avançados, como imperiosa necessidade para todos. Em França, por exemplo, para o operário ou o empregado de escritório, o trabalhador ou o funcionário, o não ir passar as suas férias fora do país, significa hoje quase tanta pobreza ou humilhação, como deixar fumar e não ter dinheiro para comprar tabaco. A ânsia de viajar, de ver para conhecer, contaminou todas as classes. Três meses antes da sua partida já eu sei onde a minha porteira irá no próximo ano passar as férias e, seis semanas depois da sua chegada, ainda a boa senhora não terminou de contar a todos os inquilinos as boas ou más impressões que de lá trouxe. Com uma ponta de exagero, quase se poderia afirmar que esta gente não pensa senão nas vacâncias...

Entranhada esta sede de viajar na alma das camadas populares que têm as possibilidades de a materializar, alguns países não tardaram a acudir com raminhos de flores a fim de receber calorosamente, essa gente que só vem para gastar. A França, devido, principalmente, à sua situação geográfica e à fama da sua cultura que fez a volta ao Mundo, não tardou a assumir na recepção turística, o honorífico lugar de dianteira. Outros países lhe seguiram os passos. A Suíça pelas suas comodidades hoteleiras e desportos de Inverno, a Espanha pela policromia do seu fundo medieval, não tardaram a seguir-lhe de perto. Outras nações se lançaram na competição, a Itália principalmente, que, graças ao romantismo das suas encantadoras cidades, figura já hoje em primeiro lugar. E assim, seduzidos duma maneira irresistível, a grande massa dos viajantes em procura de motivos e de paisagens novas, não tardou a invadir toda a Europa. Ontagados pelo ruído turístico em matéria financeira, que vinha de todas as partes, nem um só país do nosso Globo deixou de enviar cartões de visita a anunciar que, também eles, possuem na paisagem e no folclórico, algumas das mais belas maravilhas do Mundo... Foi então que a indústria do turismo surgiu com todo o seu esplendor de promessas em procura do turista. Até agora, o Oncl Sam da rica América, vem de encetar uma vasta campanha publicitária em todas as grandes cidades do Mundo, destinada a atrair o turista ao novo continente.

O turismo já não é hoje uma indústria europeia. Por toda a parte onde se viaja, na África, na Ásia e na América — disso temos nós longa experiência pessoal — lá se encontram hotéis, bares e museus, lugares de distrações e recreios, artisticamente preparados, para receber quem vem de fora. O problema agora consiste em saber, no campo da concorrência, quem receberá mais e melhor. É é precisamente nessa particularidade que reside o grande segredo de todo o êxito ou fracasso da indústria turística em qualquer parte do Mundo. As riquezas naturais contam sem dúvida muito, mas a habilidade e o engenho do homem na recepção e acolhimento a dar ao forasteiro não são de menos importância.

Quando os primeiros turistas tiveram há anos a ousadia de atravessar toda a Espanha para ir meter o nariz no nosso Portugal encantado, as autoridades competentes que já tinham a pulga nas orelhas no que toca ao valor das divisas, receberam-nos como é nossa tradição, cavalheirescamente (preste-se-lhes aqui essa homenagem). Como lhes faltava a expe-

riência neste ramo da actividade nacional, enviaram-nos para Sintra e o Estoril por se lhes afigurarem ser a mais bela paisagem turística, a melhor apetrechada de comodidades e progresso, do território português. O Algarve, a grande pérola preciosa de toda a nossa futura indústria turística, nem se lembrou de lhe o apontar. E daí que só de há poucos anos a esta parte, o mundo exterior saiba que a nossa Província é, na realidade, pelo seu clima e situação geográfica em relação ao mar, a mais atraente estância de turismo da Europa. Na propaganda que se fazia cá fora, nem sempre inteligentemente orientada, o Algarve só aparecia no mapa nacional. E se os algarvios não fossem gente, como o pretendem alguns marotos lá de cima, naturalmente nem figurar no mapa, nos deixaríamos mesmo...

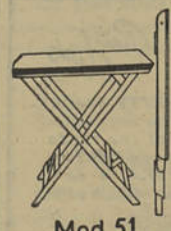
Se nem sempre em certos aspectos, afigura-se-nos, as entidades competentes estiveram à altura das situações, no que toca em matéria burocrática, noutros houve, bem dignos de se lhes tirar o chapéu. Nas formalidades das fronteiras, na abolição dos vistos, na compreensão para com os turistas, conquistaram na consideração geral um lugar de alta estima. Uma garrafa de vinho do Porto que passa ou nota de 10.000 francos que não se controla, não prejudicando em nada os interesses nacionais, criam cá fora uma atmosfera de simpatia. Para os indivíduos que andam de uma banda para a outra com o único objectivo de gastar dinheiro, essas pequenas atenções da parte das autoridades e do povo que com eles trata, são dum valor humano incomensurável. Só quem como nós vive no estrangeiro ao contacto quotidiano com essa gente, sabe o valor que o sorriso, a tolerância e a compreensão podem ter na alma de quem nos visita. O turista nem sempre tem razão e em muitos casos desconfia onde devia confiar. Todavia, se queremos que ele leve as divisas ao nosso País, temos por princípio que dar-lhe razão. Voltaremos ao assunto num próximo artigo visto este já exceder o espaço de que dispomos no jornal.

SILVA MARTINS



Vilarinho & Sobrinho, Lda. Janelas Verdes — LISBOA

Mesas e cadeiras articuladas



Mod 51

Para praia, campo, cafés, esplanadas, sociedades de recreio, circo, etc. — Comodidade aliada à elegância e simplicidade — Fabricadas com madeiras secas e de boa qualidade — Acabamento perfeito — Fácil arrumação: os modelos 2 e 51, empilhamos a 2 m 50, equivalentes a 50 unidades, ocupam sómente a área de 1/2 m 2.



Mod. 2

Manuel da Silva Domingues VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Recordemos João de Deus criando um Jardim-Escola

PROPOSITO do 8 de Março, data que, ainda não há muito, era festivamente comemorada pelos estudantes de Faro, que cobriam de flores o pedestal do seu monumento e entoavam ossanas ao grande pioneiro da instrução popular, ocorre-nos falar da tão cansada ideia do Jardim-Escola. Cansada por terem envelhecido muitos dos que a proclamaram, há mais de trinta anos, e nela se fatigarem ainda hoje alguns que teimam torná-la realidade.

Na sua terra ninguém é profeta, diz o povo. Talvez por isso os comprouvicianos do grande pedagogo se alheiam da sua obra enquanto os estranhos a recordam e continuam.

Ligar o nome de João de Deus a um estabelecimento de preparação pré-escolar, de eficiência comprovada, é mais do que dívida de gratidão ou preito de homenagem, é uma actualíssima necessidade do nosso meio e do nosso tempo. A primeira infância, a matéria plástica onde se esboçam os traços do futuro homem, onde se podem, por isso, delinear as formas de um gigante ou de um anão, vive entregue à criada, se é filho de afortunados e confiada aos irmãos, se filho de gente humilde. Em poucos casos se encontra onde deve estar. Isto é: junto de quem a saiba educar sem deformar e a possa instruir com acerto e oportunidade. O Jardim-Escola a isto se propõe. O nome do patrono apenas manterá a memória de um grande amigo das crianças, muitas das quais ainda aguardam o benefício de uma «arcada» que as acolha e as conforte.

João de Deus merece a homenagem e muitos pequeninos precisam do benefício.

VITOR DA LUZ

Ensino no Algarve Técnico

Por conveniência urgente de serviço, foram nomeados professores de Religião e Moral, respectivamente nas Escolas Industriais e Comerciais de Faro e Silves, os revs. José António Nobre Duarte e João José Guerreiro.

Primário

Foram nomeados, regentes de cursos de educação de adultos femininos: as sr.ªs D. Cecília de Jesus Mestre, da delegação da Obra de Previdência e Formação de Criadas de Faro; D. Ermelinda Mártires da Quinta, D. Maria Eufrásia Morais, D. Maria Cecília Rodrigues Samuel, D. Maria Antonieta, D. Maria da Conceição Paulos, D. Maria Julieta Ramires Selxal, D. Olinda Martins Pratas Galvão, respectivamente para o 1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 9.º, 10.º e 14.º do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento de Algarve, Olhão; D. Maria Fernanda da Silva Aguiar, D. Vergelina dos Santos Reis e D. Maria do Carmo, respectivamente para o 1.º, 4.º e 5.º de Lagos; D. Maria dos Reis Silva, Estómbar (Lagoa); D. Otília Fernandes Pinto, Monchique; masculinos: as sr.ªs D. Adriana Martins Carneiro, Rasmalho (Portimão); D. Eugénia Maria Jorge, 2.º de Portimão; D. Fernandina Baptista, Primitivo Vilar de Carvalho, 1.º do Grémio dos Industriais de Consumo de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve; D. Júlia Rosa Rodrigues da Silva, 1.º de Pontes de Marzil (Faro); D. Leonor do Nascimento Costa, Bensafim (Lagos); D. Clotilde Neves dos Santos Reis e D. Maria do Carmo, respectivamente para o 1.º e 2.º de Faro; D. Maria Francisca Andréz Rosado, Arão (Portimão); D. Maria Alves de Oliveira, S. Marcos da Serra (Silves); D. Maria da Conceição Ramos, Boião (Silves); D. Maria José Marcelino, Casa do Povo de Paderne (Albufeira); D. Maria da Glória da Cruz, Umbria (Monchique); D. Maria do Rosário Cresto Mealha, Amorosa (Silves); e as sr.ªs António José Bravo, Ferragudo (Lagoa); Augusto de Oliveira Chanoça, Tavira; José Diogo Barão, Almansil; José Duarte Dionísio, Lagoa; José Luis Correia, Estómbar (Lagoa); mistos: D. Ana Glória da Cruz, Umbria (Monchique); D. Catarina Maria Martins Crispim, Ladeira (Monchique); D. Constância da Conceição Neves, Calvos (Silves); D. Custódia Motra, Alcaria Ceva (Alcoutim); D. Guilhermina das Neves Guerreiro, Povo Barreto (Silves); D. Maria do Carmo, Povo Barreto (Silves); D. Isabel Maria da Costa, Loureira (Lagos); D. Luclia Bárbara Severino, Maria Vinagre (Aljezur); D. Justina de Jesus Lourenço, delegação do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira, Faro; D. Maria Julieta dos Reis Fausto, Figueiras (Portimão); D. Maria Ariette, Pechão (Olhão); D. Maria da Encarnação Catarina, Fomalha (Monchique); D. Maria Ermelinda Franco Natal, Quelmandos, (Silves); D. Maria da Glória Aguiar, Gineira, Casais (Monchique); e D. Maria Rosa da Conceição Catarino, Barrado (Monchique).

Por diuturnidade, foi concedido aumento de vencimento à professora, sr.ª D. Maria Augusta de Medeiros, de Pera (Silves).

A seu pedido, foi exonerada da directora da escola feminina n.º 4 de Faro, a professora sr.ª D. Gabriela Amália Gonçalves Moreira.

Foram colocadas, no distrito escolar de Faro, as regentes D. Florides dos Santos e D. Maria Felisbela de Jesus Tangarrinha Ricardo.

LEIXÕES - OLHANENSE
17 DE MARÇO

Bilhete de caminho de ferro e utilização de carruagens-camas de Lisboa-Porto
176\$50

Bilhete de caminho de ferro e utilização de carruagens-camas de Lisboa-Porto e volta, no rápido
278\$00

Bilhete de caminho de ferro e utilização de carruagens-camas de Lisboa-Porto e volta
312\$50

BILHETE DE AVIAO:
280\$00 (viagem simples)
375\$00 (ida e volta, bilhete de domingo).

INSCRIÇÕES:
WAGONS-LITS
COOK
LISBOA - PORTO - COIMBRA
ESTORIL - FUNCHAL - LUANDA
LOURENÇO MARQUES

A indústria corticeira na integração económica da Nação e algumas medidas que julgamos oportunas

Por JOAQUIM FRANCISCO DA ENCARNÇÃO SEQUEIRA

«Nesta hora incerta do Mundo, esta é a hora certa de Portugal». Com esta afirmação cheia de fé e de convicção, encerrou o ministro de Estado sr. dr. Corrêa de Oliveira o seu importante discurso referente à integração económica da Nação. E, ao mesmo tempo que estas palavras tão entusiasticamente proferidas encerravam o discurso do ministro, abriam como por magia no coração e no pensamento do povo, um novo desejo de progresso, uma ambição mais forte de vencer, uma consciência mais responsável perante o Mundo. Ouvindo aquelas palavras, os portugueses reencontraram-se a si próprios. Cada um sentiu as suas próprias forças, a sua própria capacidade de realização e compreendeu a necessidade de uma fraterna colaboração.

Com a espada numa das mãos e o arado na outra (usando a magnífica expressão do sr. Presidente do Conselho) os portugueses enfrentaram o futuro sem medo e sem necessidade de depender de auxílios económicos desses aliados decorativos que estão agora tão em voga e que são exportados pela O. N. U. Mas para tanto terá que haver uma sincera união, sem politiquices de aldeia nem oportunistas interesseiros, e uma verdadeira e honesta colaboração. O povo terá que compreender o Governo, mas o Governo terá também que compreender o povo. E só compreendendo o povo, o Governo poderá fazer-se compreender. Lá diz o velho ditado: «Não é com vinagre que se apanha moscas».

O apetrechamento industrial do País, é um facto a que assistimos encantados, pois à excepção do Algarve que para o efeito parece não estar no mapa, nomeadamente nos arredores de Lisboa, onde desde há anos se vem concentrando toda a indústria com graves prejuízos para as populações e economia do resto do País, surgem fábricas dos mais diversos artigos. Criam-se indústrias novas e renovam-se as velhas. O trabalhador português encontrará enfim na sua pátria o trabalho que necessita para poder manter condignamente a sua família.

Todavia há em Portugal uma indústria velhíssima que, apesar da sua importância vital para a economia da Nação, não está ainda devidamente amparada, pelo que agoniza afluivamente, vitimando patrões e operários, que na confusão das convulsões muitas vezes se digladiam, pois é mais do que certo que, em casa onde não há pão, todos clamam e ninguém tem razão. Essa indústria é a corticeira.

Silves é a terra-mãe da indústria corticeira e eu, como silvense de alma e coração que sou, pois tal como meus pais, ali nasci e ali sempre tenho vivido, não podia deixar de aproveitar esta oportunidade em que o País revê o seu problema industrial, para, muito embora descoloridamente por falta de mérito, ventilar o problema da indústria corticeira, na esperança de que as autoridades competentes aceitem a boa fé que me move e se debrucem também sobre os destinos dos corticeiros, que ao fim e ao cabo representam um dos principais apoios da economia nacional.

Portugal produz mais de metade da produção mundial de cortiça. Mais ainda, Portugal produz a melhor cortiça do Mundo.

Desde tempos recuados que Portugal se dedica à laboração de rolinhas e de todos os outros artefactos fabricados com cortiça chegando mesmo a ser durante largos anos, o país que fornecia o mercado mundial destes artigos. Assim, através dos tempos criou o seu escola de industriais e de operários que em sucessivas gerações exerceram a profissão e se especializaram a tal ponto que nela se tornaram verdadeiros mestres.

Porém, a partir de certa altura, mas recentemente, guiados talvez

pela lei do menor esforço e embriagados pelos entusiasmos de um lucro muito mais certo e muito mais fácil, começou-se a exportar cortiça simplesmente preparada, isto é, cortiça em prancha.

Esta exportação, que em princípio se fez quase timidamente, depressa progrediu com grande satisfação dos industriais e dos produtores, pois os primeiros sentiam aumentar os seus lucros porque o negócio se fazia rapidamente visto não ter que se esperar pelo tempo da fabricação, e os segundos, porque devido à rapidez da exportação, viam com mais frequência à sua volta os compradores, que ansiosos por mais compras, iam com essa ansia, cegamente aumentando o preço da cortiça no mato.

Nesta situação, ao mesmo tempo que se fomentava a criação da indústria corticeira no estrangeiro, estragando com isso o mercado consumidor da nossa produção fabril, elevávamos o preço da matéria-prima para as nossas fábricas, sem que estas tivessem a possibilidade de aumentar o preço ao produto fabricado, pois agora já tinham de enfrentar a concorrência da indústria estrangeira que trabalha em melhores condições do que nós, pois dispõe de energia a preços insignificantes e instalações fabris melhor apetrechadas. Desta feita actualmente os nossos industriais, além de sofrerem a falta de clientes, vêm-se ainda a braços com uma terrível concorrência que os obriga a praticar preços tão reduzidos que em relação ao alto custo da matéria-prima e aos avultadíssimos encargos a que a nossa indústria está sujeita, não têm nem possibilidades de pagar um salário justo aos seus empregados e operários, nem tão pouco conseguem manter a sua actividade em ritmo equilibrado.

O panorama económico desta velhinha mas sempre nobre cidade de Silves, é bem o retrato vivo e fiel da actual situação da indústria corticeira em Portugal.

Entretanto, os nossos industriais corticeiros, em Silves ou noutros locais para onde fugiram tentando melhor posição, continuam heróica e tenazmente a lutar, até que, um a um, aos poucos, vão caindo no campo de batalha, quantas vezes ainda escarnecidos e aviltados pelos seus compatriotas que não viram nem souberam compreender que esses caídos, além de terem lutado pelo seu nome e pelo seu dinheiro, lutaram também pelo ganho-pão de centenas de operários, e pela própria economia da Nação.

Mas para grandes males... grandes remédios, e, esta é a hora certa de Portugal.

Renovemos pois a indústria corticeira, e assim, sem desprezar nada do que teoricamente já se tem feito, lancemos num campo de realizações mais práticas e eficientes que dêem à indústria o factor que ela necessita para a sua existência e continuidade.

Sem pretender armar em coisa alguma e sem outro fim que não seja entusiasmar quem pela sua autoridade no assunto possa estudar e pôr em prática a solução urgente de problema tão vasto e complicado, ousou chamar a atenção para aquilo que aos meus olhos de leigo, parece contribuir para essa almejada solução.

Assim vejamos:

a) — Porque a exportação da cortiça em prancha ou simplesmente preparada dá lugar a grande concorrência nas aquisições no mato, cujo preço de compra por esse efeito logicamente sobe, tirando depois a possibilidade aos nossos industriais (aqueles que realmente fabricam, não os que se limitam a exportar em prancha), não só de poderem concorrer em preços com os estrangeiros, mas ainda de poderem pagar condignamente aos seus empregados e operários, e de poderem contribuir normalmente para todos os impostos e encargos que lhes são atribuídos, será necessário controlar e ajustar o preço das cortiças no mato, nem que para isso a Junta Nacional da Cortiça, à semelhança do que faz a F. N. P. com os cereais, tome conta de toda a produção e a distribua depois pelos interessados em condições e preços economicamente adequados.

b) — Porque no estrangeiro já se fabrica muita cortiça, roubando-nos com isso a maior parte dos nossos antigos clientes, temos pois de criar o nosso próprio mercado consumidor. Para isso poderemos começar por tornar obrigatório o rolhamento com rolinhas de cortiça de todas as bebidas, incluindo os refrigerantes, que engarrafados se vendam ao público. Estou convencido que só a cerveja que nós bebemos tanto aqui

como em África consumiria muitos milhares de rolinhas. Encaminhar para o engarrafamento com rolinhas de cortiça, tudo quanto seja possível vender engarrafado e evidentemente tudo quanto fosse engarrafado. A indústria farmacêutica seria também obrigada a utilizar somente tampas e rolinhas de cortiça, pois os plásticos que hoje neste campo invadiram esta indústria, têm muito onde podem aplicar-se, o que não acontece com a cortiça, e esta é puramente nacional. A indústria farmacêutica nos seus vários sectores viria a consumir também algumas toneladas de produto fabricado. Obrigar a aplicação de cortiças nos isolamentos, pois neste campo está a aplicar-se toda a espécie de produtos similares que são importados. Orientar ainda a aplicação das cortiças na nossa construção civil, tornando-a mesmo obrigatória nas construções a partir de certa classe, e assim, estou convencido ficaria assegurado o consumo para muitas toneladas deste produto.

c) — E porque apesar de tudo isto ainda não temos necessidade de exportar e tanto mais que depois de controlado o preço da matéria-prima já ficaríamos em condições de fazer preços de concorrência no mercado internacional sem prejuízo daquela margem reservada às despesas da fabricação e respectivo lucro, criar-se-ia um departamento oficial que promoveria a propaganda e a venda dos nossos produtos fabricados, a preços previamente estipulados de harmonia com todos os industriais para evitar uma concorrência ruinosa. Esse departamento asseguraria ainda, ao abrigo dos acordos comerciais internacionais, a cobrança da mercadoria vendida.

d) — E porque devido ao estado a que a indústria corticeira chegou, esta se encontra financeiramente exausta, abrir-se-ia através do Banco de Fomento um crédito especial aos industriais de harmonia com a sua actividade, que ficaria sujeito a fiscalização, permitindo assim por em marcha esta grande máquina industrial, o que não seria senão dar ao País mais uma grande oportunidade de consolidar a sua independência económica.

Termino fazendo votos para que neste momento em que o País revê o seu reapetrechamento industrial, as autoridades competentes não deixem também de reorganizar a indústria corticeira, pois eu, tal como o sr. ministro Corrêa de Oliveira, estou absolutamente convencido, que nesta hora incerta do Mundo, esta pode ser a hora certa de Portugal.

Um jornalista inglês a bordo de uma traineira de Vila Real de Santo António

Um jornalista inglês que esteve o Verão passado na praia de Monte Gordo publicou no «The Times», de Londres, uma interessante crónica sobre a pesca da sardinha, que foi transcrita pelo nosso prezado colega «Jornal do Pescador», do qual, com a devida vénia, a transcrevemos.

Estamos no Algarve, a provincia da costa sul de Portugal, a cerca de 3 milhas da cidade fronteiriça de Vila Real de Santo António, sede da frota pesqueira da sardinha. Aqui, o mês de Agosto é quente e seco, de um céu sem nuvens.

A noite, lá longe, no mar, grupos de luzes assinalavam os barcos mais próximos.

Melo sério, meio a brincar, perguntei a um amigo português o que era necessário fazer para poder ir com a tripulação dum barco à pesca. Alguns dias depois de ter feito este pedido, estava tudo arranjado.

As 6 horas da tarde, quando as esplanadas dos cafés começavam a encher-se, apresentámo-nos no posto da Polícia e depois na Alfândega. Deixei aí o meu passaporte, como garantia da minha intenção de regressar. Um pequeno bote levou-nos do cais ao barco. Este tinha um aspecto magnífico, pintado recentemente de branco, os metais reluziam e para completar este conjunto, a chaminé era pequena e a proa muito alta e de contorno gracioso; como mascote, no mastro grande, um molho de flores e peixes secos. A ré e ao longo da amurada, do lado do porto, estavam empilhados ordenadamente cabos com bóias e redes dobradas, de malhas e fios tão finos que me custou a acreditar que estas pudessem aguentar, além do peso do peixe morto, a água que deveriam trazer quando fossem puxadas. Esperava encontrar bóias de cortiça, mas estas tinham sido substituídas por bóias de «nylon», cujo aspecto brilhante fazia supor serem feitas de porcelana vermelha.

Dois no pequeno bote

O barco em que estávamos tinha 50 pés de comprimento e levava uma tripulação de 28 homens, todos filhos ou netos de pescadores, cujas idades variavam entre os 18 e os 60 anos.

As 7 horas, quando o mestre chegou a bordo, acompanhado do seu cão, levantámos ferro e seguimos direitos à foz do rio, nós e mais 40 barcos, portugueses e espanhóis.

Assim que passámos os bancos de areia, com os seus inumeráveis perigos, rumámos vagarosamente em direcção ao Atlântico a uma velocidade de cruzeiro de oito nós.

Hora e meia depois, chegámos ao sitio onde a primeira busca tinha de ser feita.

Os vigias olhavam a água e não perdiam de vista os outros barcos que se encontravam no mesmo local, enquanto o mestre, observando as informações transmitidas pela sonda, viu no mostrador do aparelho assinalado um cardume.

Caía a noite quando começámos a nossa primeira tentativa.

O mestre atrou pela borda fora uma bóia vermelha com sinalização eléctrica, para marcar o local do cardume. Ao mesmo tempo um bote tripulado por dois homens, foi lançado à ré, enquanto nós começávamos a descrever uma circunferência com o diâmetro aproximado de 200 jardas.

Assim que lançámos as últimas centenas de bóias, arbrandámos o andamento e colocámo-nos ao lado do bote, ficando assim o círculo fechado. Seiscentas jardas de rede de paredes de malha muito fina, aprisionaram o cardume, formando à superfície uma cortina com cerca de 40 pés.

Começa o trabalho violento

Começa agora o trabalho mais duro para a tripulação. O cabo fixador da base da rede foi apertado gradualmente por um poderoso cabrestante, de modo que a rede ficou fechada herméticamente. Postados em linha na amurada do lado do porto, 12 homens descaçaram começaram a puxar a pulso as pregas da rede, sacudindo com a mão direita o resto de água que esta trazia e com a mão esquerda puxando-a para dentro. A medida que os homens cantavam mais forte, maior era a quantidade de rede que estava dentro do barco, chegando-lhe esta já aos joelhos; entretanto, os homens colocados à ré iam repondo nos seus lugares os cabos e as bóias, trabalhando todos tão depressa que o círculo formado anteriormente desapareceu rapidamente.

Vinte minutos depois de começarem a puxar a rede, vieram ao de cima os primeiros peixes apanhados, presos pelas guelras às malhas da rede. Alguns deles perderam-se por terem saltado para a água.

Quarenta minutos depois a circunferência tinha menos de 20 pés de diâmetro. O barco que armazenava o nosso peixe, veio rapidamente para junto de nós e colocou-se do outro lado da extremida-

de da rede e tão junto que ficaram separados um do outro por cerca de dois metros, sendo mantidos a essa distância por homens colocados à proa e à ré empunhando longas varas. A porção de água que ficou entre os dois barcos flocava de corpos reluzentes. Quatro ou cinco homens da nossa tripulação aproveitaram essa altura para saltarem para o barco-depósito, munidos de pequenas redes manuais com uma abertura redonda e cerca de dois ou três pés de profundidade, com um cabo na extremidade e começaram a baldear o peixe do mar para o porão do barco, cerca de 40 libras de cada vez, sendo esta operação repetida até a rede que estava no mar ficar vazia.

Pescámos alguns milhares de sardinhas e também biqueirões, uma pesca sem dúvida importante, mas difícil de separar, devido à pouca luz dada por uma única lanterna nesse lado do barco.

Juntamente com as sardinhas vieram outros peixes maiores, que separaram e atiraram para o convés. Um deles, muito grande e parecido com o salmão, foi muito aplaudido pela tripulação; um outro ainda mais comprido, era semelhante a uma enguia e tinha os dentes saídos; o terceiro, do tamanho de um pequeno crocodilo e fazendo barulho com os dentes, foi morto com uma rápida pancada.

Anéis sagrados

Hora e meia depois da bóia ter sido lançada, o peixe estava a bordo.

Quatro toneladas de sardinhas, estavam nos porões do barco carregado, que levantando forte ondulação na água calma, se dirigiu a toda a força a Vila Real de Santo António, para chegar a tempo da lota matinal. Acabado este trabalho a tripulação precipitou-se para os seus postos e foi repousar algum tempo; as nossas máquinas voltaram a trabalhar e lá fomos para outro ponto da costa à procura de novo cardume. Ou fosse por ordens do mestre ou por aviso da aparelhagem da sonda de eco, mudámos de rota, e começámos a descrever círculos, com todos os barcos à nossa volta, fumegando aos ziguezagues, procurando lançar as redes.

As lanternas colocadas no mastro principal davam ideia de um cortejo de «carros», as quais pelo seu movimento indicavam a maneira como os barcos navegavam, permitindo assim a cada mestre aguardar um pelo outro, e ao mesmo tempo evitar os anéis sagrados das bóias que marcavam as redes já atiradas por outros.

A lua começava a escurecer e o mar, que até então tinha uma cor pardacenta, passou a um tom azulado. As horas foram passando, até que o nosso mestre assinalou um importante cardume, sendo precisamente 4 horas da manhã quando as serelas de bordo chamaram a tripulação aos seus postos. Os homens trouxeram leves bóias que atiraram na escuridão, advertindo-me o barulho destas que estavam de novo a trabalhar.

Cobertas brilhantes

Já era claro quando se puxaram as redes pela segunda vez. Tínhamos recebido, algumas horas antes, um «rádio» dizendo que a nossa pesca anterior tinha sido bem vendida. As duas pescas que tínhamos feito nessa noite, foram piores do que as feitas quatro dias antes, mas como o peso do pescado fosse bom, os homens estavam satisfeitos.

Assim que acabaram as suas tarefas abriram os cestos de comida e, esvaziados estes, começaram a ceiar — melões, bocados de cedeia de pão, sardinhas assadas e, claro, garrafas de vinho.

O convés foi esfregado e ficou de novo brilhando com longas filas de bóias, esticadas como um colar gigantesco. As 10 horas da manhã lançámos ferro e parámos as máquinas.

Durante nove meses, com excepção dos sábados, todas as noites os homens vão à pesca. Para um simples espectador como eu, a experiência foi fascinante, vindo de perto essa mistura de métodos modernos e métodos antigos; para a tripulação são horas seguidas de trabalho fatigante, ganhando cada homem cerca de uma libra por dia se a pesca for boa, muito menos se for má, mais, é claro, um cesto de peixe.

O mestre presenteou-me com uma rede de peixe com o peso aproximado de 40 libras, que ofereci ao hospital local.

Despedimo-nos no meio de sorrisos e de apertos de mão.

O café quente, pelo qual tanto ansiávamos, esperava-nos a cerca de três milhas, no hotel.

A Câmara de Lagos está empenhada na urbanização das zonas turísticas

(Conclusão da 1.ª página)

nício está subordinado não permitiram ainda que se tivesse construído já no ano passado pelo menos um dos dois lavadouros públicos projectados e que já há tanto tempo é intenção construir, pelo que se espera que tal possa ser feito no ano que decorre.

No sector das finanças municipais, continuou a viver-se no regime de saneamento iniciado logo que a actual vereação tomou posse, pelo que as dívidas antigas estão hoje reduzidas a 481.818\$80.

Arti

O MELHOR SORTIDO EM CORES DE TINTAS PARA TINGIR

CORES FIRMES

FAMOSAS TINTAS PARA TINGIR EM CASA

Depós. Geral: CASA ARTI, LDA.
Avenida Manuel da Maia, 19-A
Telefone 49312
— LISBOA-1 —

Inspeção de mancebos em concelhos diferentes dos do seu recenseamento

Os mancebos que residam há mais de 30 dias em concelho diferente daquele por onde foram recenseados para o serviço militar, podem ser inspeccionados no concelho onde residem, desde que o requeram. O requerimento é feito em papel comum de 25 linhas e dirigido ao chefe do Distrito de Recrutamento da área onde residirem. Ao requerimento terão de juntar atestado de residência em que proveem que residem há mais de 30 dias. Os requerimentos são entregues no Distrito em mão própria, ou remetidos pelo correio, sob registo. O prazo para a sua entrega termina em 15 de Abril de 1963.

JAZZ

Precisa-se jazz em segunda mão.

Dirigir correspondência a António Luís Granja, Rua Silva Reis, 24 — OLHÃO.

Assembleia geral da Casa do Algarve

Na assembleia geral da Casa do Algarve, o presidente da direcção, sr. major Mateus Moreno, leu o relatório das actividades da colectividade, salientando a acção desenvolvida pelas comissões cultural, de turismo e propaganda, de beneficência e de festas e ainda outras actividades, muito em especial na que se refere à comissão para a criação em Faro, de um jardim-escola João de Deus para o qual já existe uma avultada verba e cedência graciosa de terreno. Também foi referida a acção da comissão do monumento a Lutgarda de Calres, a erigir em Vila Real de Santo António. Todos os documentos foram aprovados.

CHOCADÉIRAS «PAL»
(FABRICO FRANCÊS)

Eléctricas, petróleo e mistas, 50 a 20.000 ovos. Máximo rendimento. Acabamento esmerado. Preços mais baixos do mercado.

Telefs. 321241/325085 H. BRAAMCAMP OBRAL, LDA. Praça do Município, 19-2. LISBOA-2

PINTOS DO DIA

Importação da América, Holanda e Dinamarca durante todo o ano

Para Engorda: Para Ovos:
White Cornish, White White Leghorn, Rhode Island Rock, etc. -Híbridos- New Hampshire, etc. -Híbridos- para postura

Telefs. 321241/325085 H. BRAAMCAMP OBRAL, LDA. Praça do Município, 19-2. LISBOA-2

TIJOLOS
Melhores e mais baratos

Comprando nas fábricas de cerâmica da COMPANHIA DAS FABRICAS CERÁMICA LUSITÂNIA, da Vaia do Carregado (perto da Ponte Marechal Carmona), telefone Carregado 26; Moinha do Ribatejo, telefone 299014; e Setúbal (Rua António José Batista, 100), telefone 22835, aproveitando os preços especiais nelas praticados para retornos.

TURIJORGE AGÊNCIA DE TURISMO
EDUARDO JORGE, LDA.
Praça de Londres, 9-B-Telefs. 711531-724957-LISBOA
PASSAGENS Aéreas, Marítimas e de Caminho de Ferro • Embarques rápidos para a África Portuguesa
EXCURSÕES no País e no Estrangeiro
DE AUTOCARRO — DE COMBOIO — DE AVIÃO — CRUZEIROS
RESERVAS DE HOTÉIS : VISTOS CONSULARES : SEGUROS DE VIAGEM
NÃO VIAJE SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR

Centro de Assistência Social de Nossa Senhora da Encarnação
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
CONVOCATÓRIA

De harmonia com o art.º 10.º-c) dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária deste Centro de Assistência para o próximo dia 21 do corrente mês de Março, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Deliberar sobre a restituição à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, de parte do terreno situado em Monte Gordo.

Não havendo número legal de sócios à hora marcada, funcionará a Assembleia 1 hora depois, com qualquer número.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) António Manuel Capa Horta Correia

Grimaldi - Siosa Lines SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para a VENEZUELA
O PAQUETE RÁPIDO «ASCANIA»
A sair de LISBOA em 1 de ABRIL

Primeira classe a Esc. 9.895\$00 e Terceira classe, em camarotes, a Esc. 5.690\$00 (tudo Incluído)

Ótimo tratamento, criados e cozinha portuguesa // Viagens muito rápidas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.

72-D, Avenida D. Carlos I—LISBOA—Telefs. 665054-672319

EDITAL

JOÃO ANTÓNIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que ANTÓNIO AMÂNCIO DO SACRAMENTO MACHADO requereu licença para instalar uma fábrica de conservas de peixe em salmoura (estiva), incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de emanações nocivas e inquinação das águas, situada na Rua Barão do Rio Zêzere, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro, confrontando a Norte com Francisco Dias Franco, Sul com José Gomes Cumbreira, Nascente com a Rua Barão do Rio Zêzere e a Poente com Viúva de Manuel Azevedo.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 21 de Fevereiro de 1963.

O Eng. Chefe da Circunscrição,
João António da Silva Graça Martins

VISITE...

LUCILIO MATOS TOUPA

onde encontrará o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camioneta ou camion, etc.). Resolva os seus problemas tornando-se cliente da casa que mais barato vende e nas melhores condições.

R. do Alvíto, 31-A, 33, 33-A
Telefone P. B. X. 637024 633537
LISBOA-3

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Albufeira — João de Veiga.

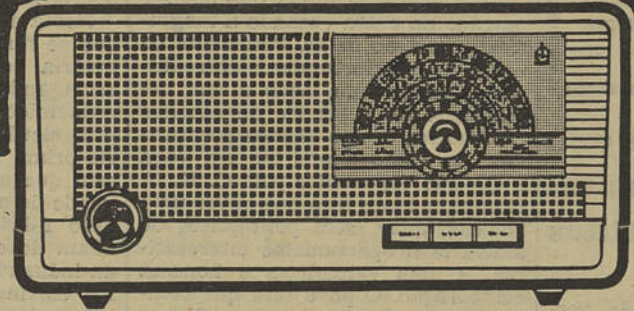
Atlante Rádio

Apresenta



O MARAVILHOSO RECEPTOR QUE HÁ MUITO ERA ESPERADO PELAS SUAS ESPECIAIS CARACTERÍSTICAS, PROPORÇÕES E PREÇO VERDADEIRAMENTE ACESSÍVEL!

Oriente



NO MUNDO DA RÁDIO ORIENTE-SE POR UM **Oriente**

AGENTES GERAIS

Electronia, Lda

R. DE SANTO ANTÓNIO, 71
TELEFONE, 25800-PORTO

Agente em Olhão:

AMÉRICO GUALBERTO MATIAS
Rua 18 de Junho, 171

Agente em Vila Real de Santo António:

M. SALVADOR VAZ PALMA
Avenida da República, 74

COMERCIANTES! INDUSTRIAIS!

A economia do País exige maior reactivação nos negócios. A propaganda é fundamental para tornar conhecidos os produtos e para interessar o público na sua aquisição.

Se quiser vender recorra à larga expansão dos maiores jornais regionais:

ALGARVE

«*Journal do Algarve*» — Vila Real de Santo António

Distrito de AVEIRO

«*Litoral*» — Aveiro

BEIRA BAIXA

«*Journal do Fundão*» — Fundão

Distrito de BRAGA

«*Notícias de Gaimarães*» — Guimarães

Distrito de ÉVORA

«*Journal de Évora*» — Évora

RIBATEJO

«*Correio do Ribatejo*» — Santarém

A expansão destes jornais assegura à indústria e ao comércio a divulgação nas suas regiões dos produtos que se queiram vender.

Para tingir em casa, use tintas **Arti**

TAVIRA

Os proprietários da PENSÃO AVENIDA, de TAVIRA, participam a todos os seus clientes que já têm na sua pensão quartos com casa de banho privativa e água quente em todas as casas de banho. Tem também um anexo na PRAIA DE TAVIRA, com serviço de Restaurante. Recebem-se marcações pelo telefone 237 — Av. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 14 — TAVIRA.

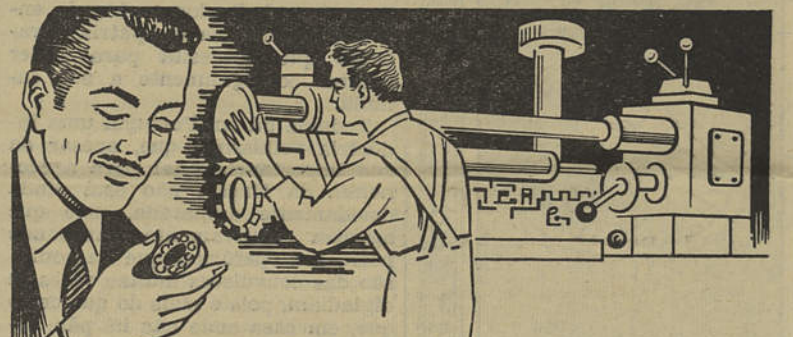
SENHORA

18 anos, apresentável, 1.º ciclo, prática de balcão, pretende emprego (Olhão ou Faro).

Resposta: Rua Luís de Camões, 7 — Olhão.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

ROLAMENTOS PARA MOTORES MARÍTIMOS



AS GRANDES INDÚSTRIAS DE INSTRUMENTOS DE PRECISÃO UTILIZAM OS MESMOS

ROLAMENTOS FAG

QUE EQUIPAM AS MÁQUINAS DA SUA FÁBRICA, SR. INDUSTRIAL

FAG PORTUGUESA, L. DA PORTO LISBOA

DISTRIBUIDOR PARA O ALGARVE
JOSÉ DE SOUSA E SILVA
RUA CONSELHEIRO BIVAR
TELEFONE 6 FARO

INSTRUTOR PARA AUTO-LIGEIOS

Precisa-se para Escola do Algarve. Resposta com condições pretendidas para esta Redacção, ao n.º 2.865.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António CONVOCATÓRIA

De harmonia com o disposto no n.º 2 do art.º 29.º do Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António, convoco a Assembleia Geral para o dia 18 de Março do corrente ano, na sede da Misericórdia, pelas 18 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Discutir, modificar e aprovar as contas de Gerência do ano de 1962.

Não havendo número legal de Irmãos, fica a mesma marcada, em segunda convocatória, para o mesmo dia, pelas 19 horas.

Vila Real de Santo António e Santa Casa da Misericórdia, 6 de Março de 1963.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) JOSÉ DIOGO

Candeia que vai à frente alumia duas vezes



PROCESSOS NOVOS DA CULTURA DO MILHO PODERÃO FAZER DOS SEUS CAMPOS OS PRIMEIROS DA SUA ALDEIA

utilize

SULFATO DE AMONÍO



A.P. 6/A



Se V. Ex.ª ainda n3o conhece os meus artigos faça uma experi3ncia.

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Veja as qualidades, preços e descontos e verificar3 da conveni3ncia em passar a ser meu cliente

H3 MAIS DE 40 ANOS que est3 casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lanif3cios para fatos de homem, Senhora e Criança

A Kodak apresentou m3quinas que equivalem a uma revoluç3o na fotografia

Durante uma reuni3o de Imprensa realizada num dos hot3is de Lisboa, e ap3s um almoço oferecido a todos os representantes dos 3rg3os de informaç3o, o sr. T. C. Proper, director da Kodak Portuguesa, fez uma sensacional comunicaç3o que, pode bem dizer-se, revolucionar3 o meio dos fot3grafos amadores de todo o Mundo. Trata-se de um novo sistema, r3pido e instant3neo, de carregar com pel3cula as novas m3quinas fotogr3ficas Instamatic. Com qualquer dos cinco novos modelos de c3maras Kodak Instamatic bastam apenas poucos segundos para carregar a m3quina, avançar r3pidamente a pel3cula, visionar e disparar. Estas c3maras s3o de formato pequeno, aproximadamente do tamanho de um r3dio de transistores, e cabem f3cilmente na algibeira de um fato de homem ou na mala de m3o de uma senhora. A chave deste novo sistema de fotografar, est3 num pequeno magazine que cont3m a pel3cula, se denomina Kodapak e basta ser introduzido na m3quina, e dela retirado quando todas as exposiç3es estiverem feitas. As pel3culas est3o bobinadas neste magazine de pl3stico estanque, e 3 prova da luz, pelo que as c3maras Instamatic podem ser carregadas mesmo 3 luz do sol. Al3m disso, os magazines Kodapak s3o vendidos carregados com as v3rias qualidades de pel3culas que permitem obter c3pias a preto e branco, transpar3ncias a cores e c3pias a cores em papel. H3 cinco modelos diferentes de m3quinas fotogr3ficas Kodak Instamatic que foram apresentadas e demonstradas aos representantes da Imprensa. S3o compactas, leves, de linhas elegantes e metalizadas. O avanço autom3tico da

pel3cula, elimina a preocupaç3o de controlar o n3mero de exposiç3o, e tamb3m a de colocar manualmente no centro da janela cada um desses n3meros. O tipo da pel3cula com que a c3mara foi carregada, bem como o n3mero de exposiç3es j3 feitas, s3o vis3veis em qualquer altura. Os modelos mais simples da m3quina Kodak Instamatic s3o respectivamente o modelo 50 e o modelo 100, com os quais se pode fotografar a preto e branco e obterem-se, por igual, transpar3ncias a cores em pel3cula Kodachrome. Os outros tr3s modelos s3o mais completos e podem utilizar pel3culas de uma sensibilidade de 64 ou 160 ASA. O magazine da pel3cula apresenta um encaixe que ajusta automaticamente o contr3le de exposiç3o destas m3quinas para a respectiva sensibilidade do filme que se utilizar. As c3maras Kodak Instamatic modelos 300 e 400 disp3em de uma c3lula foto-el3ctrica para contr3le autom3tico da exposiç3o, objectiva f/8 lumenizada, flash incorporado e correia de pulso. O modelo 400 disp3e por igual de um mecanismo, accionado por movimento de cord3 que avança a pel3cula automaticamente e permite tirar 10 fotografias em 10 segundos. A mais perfeita das c3maras Kodak Instamatic 3 o modelo 500 que possui uma objectiva r3pida f/2.8 e obturador com velocidades at3 1/500 seg., fot3metro semi-autom3tico, disparador e objectiva retr3ct3eis e duas tomadas e uma sapata para o flash e acess3rios, al3m da correia para pulso. Os novos magazines Kodapak com pel3culas e as novas m3quinas Kodak Instamatic ser3o oportunamente postas 3 venda em todos os mercados internacionais.

ALGARVE

Goze tranquilamente os seus fins de semana e as suas f3rias, no clima mais temperado da Europa. INSTALE-SE NA RESID3NCIA MARIM RUA GONçALO BARRETO, 1 FARO 1.ª classe-Ambiente Selecto A 10 minutos da PRAIA DE FARO Serv3cio de Pens3o completa EM COLABORAç3O COM O RESTAURANTE GARDY Di3rias e Meias-Di3rias RESERVAS: TELEFONE 385 TELEG: RESIDENCIAMARIM FARO



O rel3gio da torre

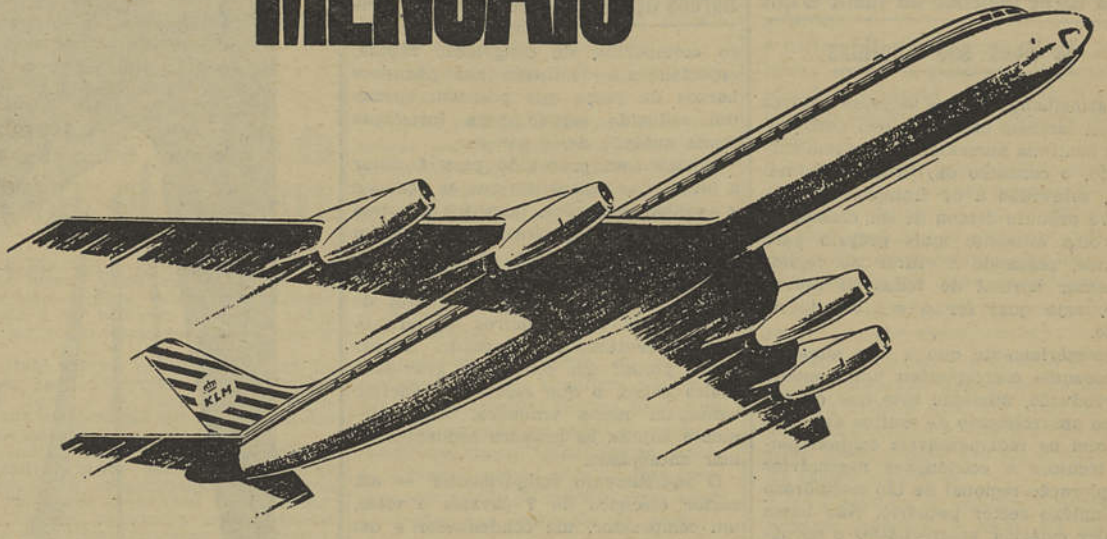
«Em casa de ferreiro, esp3to de pau». Nunca esta frase teve maior significado. E que, de facto, mesmo aqu3 perto do nosso posto, entalado entre o grande sino de bronze e o jarol vermelho, que indica a entrada da barra, est3 o rel3gio de todos n3s, esse afortunado que se cansa para nos dar horas certas, de noite e de dia. N3o fic3rmos com a consci3ncia tranquila se n3o lhe disp3ssemos a nossa melhor atenç3o. Por esse motivo testemunhamos-lhe a nossa gratid3o, inserindo uma cr3nica a seu respeito. E cabe-me a mim faz3-la. Pois bem; quando acima digo que a frase «em casa de ferreiro esp3to de pau», n3o teve ainda maior significado, rejuro-me simplesmente ao seguinte: o nosso rel3gio da torre est3 parado!... Por muito que custe a acreditar, est3 parado. Ele, que resistiu denodadamente 3 ep3ca do rel3gio de boiso, de pulso, de bracelete e outros quejandos, permanece agora inerte e frio. Ele que aguentou a ferocidade de dois c3cic3es, um furac3o, duas granizadas e uma queda de neve, jaz imobilizado, com os ponteiros est3ticos. Ah! Mas foi um verdadeiro her3o. Segundo conta a minha av3, s3o uma vez lhe caiu o ponteiro dos minutos, durante uma intemp3rie, que por um triz n3o rachou a cabeça do sacrist3o. A sua maquinaria encontrava-se por3m t3o afinada, t3o lubrificada, t3o acertada, que essas coisas n3o o abaloi, continuando a dar horas mesmo sem marcar os minutos. Era de pasmar. Dava gosto v3-lo em dias de festa, caidinho de fresco, rebrilhando 3 luz c3lida do sol, marcando o tempo num compasso t3o firme, que dir-se-ia o tambor-mor dum batalh3o de Caçadores.

Na sua j3ina cozinha, o rel3gio vaidoso, orientava a vida dos fusetenses nos seus mais variados misteres. Colocado l3 bem no alto, era o maestro sincronizado que regia a orquestra do tempo, com uma batuta em cada m3o; a das horas e a dos minutos. Assim foi, pela vida fora, companheiro leal e sincero de todos n3s, vivendo e compartilhando das nossas alegrias e amarguras, tal como o Fiel do genial Guerra Junqueiro. Nunca nos traiu, embora por vezes nos pregasse uma partidinha divertid3o acerada, que essas coisas n3o voltado para as brancas casas da povoaç3o, para o mar azul, para os barcos que partiam e chegavam, sorria prazenteiro para as moças bonitas e garridas. E quantos id3lios ele n3o teria ap3rinhado l3 de cima, quando os pares de namorados se acocelhavam nos banquinhos do adro da igreja! Era um espertalho, o rel3gio da torre. Mas hoje, infelizmente, j3 nada resta do seu garbo, de gentil-homem. Est3 escuro, feio, e permanece quieto e mudo, como se a vida o abandonasse. Pelo seu semblante de honesto servidor da Fuset3, a serido que amamos, p3tu qualquer remuneraç3o pelo trabalho que executou durante d3cadas, perpassa uma nuvem de melanc3lia. Os braços pendem-lhe inertes e a voz alegre e altiva deixou de saltitar caprichosamente por entre as ac3teias e chamin3s da Fuset3. J3 n3o marca mais o tempo, sobre o rel3gio da torre! A ferrugem com3ca a corroer-te aos poucos e as molas e a corda j3 n3o t3m a elasticidade devida. Eu que est3o apenas a um metro de ti, n3o posso deixar de me sentir profundamente comovido com o teu aspecto profusco. E oco-te os soluços entrecortados pelos rangidos e est3os da tua complexa maquinaria. Est3s velho e cansado. Dizes com certa amargura (eu oiço) que te abandonaram injustamente! L3 isso 3 verdade. Mas ent3o, que queres? N3o sabes que o mundo 3 mau? 3 3nica coisa que posso fazer por ti, 3 esta simples homenagem, que certamente ir3 arrancar algumas l3grimas aos teus olhos j3 carecidos. Nada mais. E, por amor de Deus, deixa de chamar pelo Pal3inho!

JOAO DE DEUS

PARA QUALQUER PONTO DO MUNDO

PRESTAç3ES MENSAIS



DE 4 EM 4 MINUTOS UM AVI3O DA KLM LEVANTA V3O OU ATERRA.

Qualquer que seja o seu destino, a KLM oferece-lhe o tradicional conforto dos seus avi3es e a experi3ncia do seu pessoal! Aproveite as facilidades concedidas pela KLM, pagando a sua viagem em

A KLM 3 O AGENTE GERAL DA VIAJ3 EM PORTUGAL.

VIAJE COM A... KLM

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A KLM PRAÇA MARQU3S DE POMBAI, 4 LISBOA - TEL. 5.91.67-8 4.31.44-5

PRESTAç3ES MENSAIS



MINIST3RIO DA ECONOMIA Secretaria de Estado do Com3rcio

Gr3mio dos Exportadores de Frutos e Produtos Hort3colas do Algarve

Avenida da Rep3blica, 174-1.º FARO Assembleia Geral Ordin3ria Convocaç3o

Em cumprimento do disposto no § 1.º do art.º 20.º do decreto n.º 23.791, de 23 de Abril de 1934, e no art.º 6.º do decreto n.º 28.729, de 2 de Junho de 1938, e nos termos do § 3.º do citado art.º 20.º, do decreto n.º 23.791, convoco a Assembleia Geral Ordin3ria dos s3cios deste Gr3mio a reunir na sua sede, pelas 16 horas de sexta-feira, dia 22 do corrente m3s, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Apreciaç3o e votaç3o do Relatório e Contas do Exerc3cio de 1962; - Eleiç3o da Mesa da Assembleia Geral para o bi3nio de 1963-1965; - Eleiç3o da Comiss3o instituída pelo decreto n.º 28.729.

Segundo o disposto no § 1.º do art.º 23.º do decreto n.º 23.791, a Assembleia reunir3 em igual dia e hora da semana seguinte sem necessidade de segundo aviso, caso n3o haja n3mero suficiente de votos para funcionar no dia acima fixado.

S3o poder3o tomar parte na Assembleia Geral os s3cios cujos nomes constam da lista publicada no «Di3rio do Governo», III S3rie, N.º 32, de 7 de Fevereiro do corrente ano.

Faro, 1 de Março de 1963. O Presidente da Assembleia Geral, a) JOS3 MARTINS CARDOSO

ALGARVE! A prop3sito do Carnaval de Loul3 PRESENTE...

AS exig3ncias do mundo actual obrigam-nos a acompanhar o avanço e a evoluç3o da economia. Vivemos um momento em que n3o 3 permitido a nenhum pa3s conservar-se isolado. Portugal n3o podia ficar contemplativo e absorto perante o caminhar acelerado dos povos do centro da Europa, no movimento reformista de instituiç3es e processos em que est3o empenhados. Cabe-nos acompanhar esses movimentos, enfrentando os sacrific3os a que nos obriga esta caminhada. 3 mister que haja compreens3o geral para a necessidade de, cada um em seu sector de actividade, desenvolver esforço criador que permita 3 Naç3o a situaç3o econ3mica a que tem direito.

Ainda recentemente o ministro de Estado, sr. dr. Corr3a de Oliveira, 3 sua chegada a Lisboa, ap3s ter participado na reuni3o da E. F. T. A., fez o seguinte apelo 3 consci3ncia dos portugueses que t3m responsabilidades nos destinos da economia nacional: «Tarde ou cedo, a unificaç3o do espaço econ3mico europeu ser3 uma realidade. Para poderem trabalhar em condiç3es de igualdade com os seus concorrentes e para beneficiarem da dimens3o e da impuls3o desse grande mercado, as actividades econ3micas de todos os pa3ses europeus est3o a empregar os maiores esforços, quando n3o a aceitarem os maiores sacrific3os. Haver3 apenas um sacrific3o que eles n3o quizer3o fazer: 3 o de ficarem, num futuro mais ou menos pr3ximo, isolados, por uma muralha aduaneira, de mercados que lhes s3o essenciais. Creio que tamb3m n3s, portugueses, na defesa exclusiva dos nossos pr3prios interesses, n3o poderemos deixar de redobrar de esforços e de aceitar os sacrific3os imediatos que nos garantam, no futuro, aquela situaç3o econ3mica a que a Naç3o tem direito de aspirar».

O trabalho a realizar tem que ser o produto de um esforço conjunto, para o que h3 necessidade de organizar determinados sectores, de modo que se protejam interesses comuns. A agricultura ser3 portanto um dos sectores que, ou por iniciativa privada ou oficial, ter3 de ser organizada em moldes associativos ou melhor cooperativos, para poder

corresponder ao que representa de valor na economia do Pa3s. Neste sector, a consci3ncia deste facto vai nascendo e em bo ra lentamente; contudo, torna-se urgente o caminhar mais r3pido. As novas t3cnicas que a terra n3o dispensa, com vista a melhores produç3es, obrigam a encargos que s3o suportados em conjunto ser3o vi3veis 3 pequena e m3dia lavoura. Este jornal, que tanto pugna pelo progresso do Algarve, ainda recentemente inseriu uma carta da Cooperativa Agr3cola de Silves acerca do com3rcio dos frutos secos, em que se fazia notar a necessidade da fundaç3o de outras cooperativas e em que se pedia a colaboraç3o das existentes na mesma tarefa, nesse como em outros sectores da actividade algarvia - agr3cola e pecu3ria. Esse sentido associativista tem de ser uma realidade, e essa realidade fruto da compreens3o geral, sem a qual imposs3vel se torna responder ao que lhe pede a economia nacional, no esforço que lhe 3 exigido.

G. W. d'Oliveira Martins Lisboa, Fevereiro.

I Semana Nacional de Telecomunicaç3es

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicaç3es e Radiodifus3o, continuam os trabalhos para a realizaç3o da I Semana Nacional das Telecomunicaç3es - Semana T -, a efectuar, sob o patroc3nio dos srs. ministros das Comunicaç3es e das Corporaç3es e subsecret3rio da Presid3ncia do Conselho, de 24 a 30 do corrente. Nela est3o inclu3das manifestaç3es de car3cter cultural e recreativo, e sess3es de trabalhos em que ser3o analisados os diversos problemas daqueles profissionais.

EX-TRAINEIRA - VENDE-SE

Vende-se a ex-traineira «P3rola do Barlavento», equipada com um motor GM de 95 HP, e com as seguintes caracter3sticas: Comprimento fora a fora 15 metros Boca 4 10 » Pontal 1,49 » Esta embarcaç3o encontra-se pronta a navegar. Tratar com ANT3NIO DE JESUS B3CIO - PORTIM3O.

Advertisement for SICAL Omelhor Caf3. Text: VENDE-SE EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS DO PA3S E NOS POSTOS DE LISBOA E PORTO. LISBOA: R. PORTAS DE S.º ANT3O, 112 R. ALMEIDA E SOUSA, 29 (A C. DE OURIQUE). PORTO: P.ª D. FILIPA DE LENCASTRE, 29. SICAL Omelhor Caf3. O TAL... DE GOSTINHO ESPECIAL.

ECONOMIA

Importações portuguesas na Alemanha

A Alemanha importa de Portugal, via Hamburgo, sobretudo conservas de peixe e vinho, ananás dos Açores e, mais recentemente, também produtos tónicos. Últimamente suscitaram muito especial interesse produtos do artesanato e da arte popular portuguesa, tais como cerâmicas, trabalhos de cestaria e bordados. A cortiça em prancha, anteriormente importada, é substituída em escala crescente por artigos de cortiça fabricados em Portugal, sobretudo placas de cortiça para soalhos e paredes.

O rendimento obtido nos frangos para carne depende da idade a que as aves são abatidas

A semelhança do que se passa noutros países, também entre nós tem aumentado e continua aumentando, a ritmo acelerado, o consumo da carne de galináceos, sobretudo a de frangos. Tão nutritivo produto deixou de ser considerado como alimento mais próprio para doentes, passando a entrar no regime alimentar normal de todos os indivíduos, seja qual for o seu estado de saúde.

Necessariamente que a este aumento no consumo correspondeu um aumento na produção, aumento este que conduziu ao aparecimento de muitos avicultores sem os indispensáveis conhecimentos técnicos e económicos necessários à exploração racional de tão melindroso e complexo sector pecuário. Não basta instalar aviários, apetrechá-los e povoá-los. É preciso também possuir-se os indispensáveis conhecimentos sobre a matéria para se obter bom êxito na empresa. Se isto é hoje uma verdade incontroversa mais o será no futuro já que a luta concorrencial será cada vez mais árdua. Impõe-se, portanto, que os avicultores aperfeiçoem os seus métodos de exploração e administração de forma a obterem uma melhor conversão dos alimentos, isto é, a conseguirem obter um quilograma de carne com o menor dispêndio possível de ração, pois que aqueles que alcançarem mais baixos índices de conversão serão os que melhor poderão competir nos mercados.

Muitos são os factores que afectam a quantidade da ração necessária para produzir um quilograma de carne de frango, mas a um desejamos hoje abordar aqui. Referimo-nos à idade em que os frangos são abatidos. Muitos avicultores não prestam a devida atenção a este factor económico, mantendo, muitas vezes, frangos para carne, até aos três meses e mais de idade.

Ora, a maior eficiência dos alimentos é obtida durante as primeiras semanas de vida dos pintos. Cada dia que passa, além de uma certa idade, a quantidade de alimentos necessária para produzir um quilo de carne aumenta progressivamente à medida que os animais crescem, visto que maior quantidade de alimento será necessária para manter o peso cada vez maior do corpo. Quer dizer, portanto, que quanto mais tarde forem abatidas as aves maior quantidade de alimentos é exigida para a sua conservação. Daqui se conclui que, considerado o custo da alimentação por unidade de engorda, quanto mais cedo se abatam as aves melhor será.

Em experiências efectuadas verificou-se que o custo total de produção mais baixo por quilo de carne de frango de engorda vivo se obtinha quando se vendiam as aves a uma idade de 7 a 8 semanas. A uma idade inferior ou superior o custo de produção por quilo de carne subia.

Em conclusão: os avicultores que se dediquem à produção de frangos de carne deverão procurar abater as aves à volta das 8 semanas, pois que daqui em diante o índice de consumo aumenta diminuindo portanto o seu rendimento.

Frigorífico para barcos de pesca

Uma firma do Reino Unido anunciou que vai começar a produção em série dum novo frigorífico «compacto», de congelação rápida, especialmente destinado aos pequenos barcos de pesca que possuem apenas um reduzido espaço para instalação duma unidade deste género.

Inicialmente concebido para facilitar a tarefa dos pescadores que se dedicam a apanhar camarões, lagostins e outros crustáceos, o frigorífico pode também ser utilizado em terra, onde quer que exista qualquer limitação de espaço. Mede cerca de 1 metro e oitenta de alto por 13,97 centímetros de largura e 91,43 centímetros de fundo. Apesar disto, possui um centro de gravidade muito baixo, o que representa enorme vantagem numa traineira, frequentemente sujeita às grandes oscilações do mar encapelado.

O equipamento complementar — um motor eléctrico de 7 cavalos e meio, um compressor, um condensador e um receptor — com a altura máxima de cerca de 1 metro e dez, encontra-se montado numa base sólida que mede aproximadamente 1,70 metros por cerca de 1 metro e dez. Este frigorífico tem capacidade de congelação variável, consoante os produtos. Assim, pode congelar cerca de 1,27 toneladas de camarões ou 1,52 toneladas de filetes, diariamente. O frigorífico é de fácil funcionamento e requer um mínimo de assistência.

Diversas A tângera que era pouco conhecida na Europa há duas dezenas de anos é hoje uma das frutas mais procuradas.

— Nos primeiros nove meses de 1962, a Itália importou 388.592 quintais de mármore português no valor de 1.236,8 milhões de liras, contra 217.092 quintais e o valor de 730,6 milhões de liras, em idêntico período de 1961.

FORDSON

300 kg., caixa fechada, da série 16, bem calçada e óptima mecânica

VENDE:

LUCILIO MATOS TOUPA

Rua do Alvíto, 33

LISBOA - 3

TELEFONE 633537

Vício de fumar

Quer perder este vício?

Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. Envie 30\$00 em selos de 1\$00 ou vale postal e este anúncio a ABADIAS, Rua Nova da Piedade, 60 r/c, Esq., LISBOA-2, e receberá o produto na volta do correio.

Brancura e longa vida só com OMO



Orgulhe-se do aspecto impecável da sua roupa

Omo, o melhor amigo da sua roupa, produz espuma abundante e activa que lava suave e eficazmente. Lavada com Omo a sua roupa dura mais e ganha verdadeira brancura — a brancura Omo! A acção altamente detergente de Omo liberta totalmente a sua roupa de toda a sujidade sem o fatigante trabalho de esfregar que estraga rapidamente. Não use mais processos antiquados para lavar a sua roupa. Use Omo, o moderno processo de lavagem, mais rápido, mais económico e mais eficiente. Dê à sua roupa a famosa e deslumbrante brancura Omo.



OMO LAVA MAIS BRANCO...VÊ-SE LOGO!

Lagoa vai entrar em nova fase de progresso mercê dos esforços do presidente do seu Município

LAGOA — Graças aos esforços do sr. dr. Luís António dos Santos, presidente do Município, vão iniciar-se diversos melhoramentos em todo o concelho de Lagoa, como sejam: água para a praia de Carvoeiro e toda a zona a urbanizar pelo sr. José Coelho Pinto, ou seja Boavista, Sesmarias, Vale de Lapa e Carvoeiro, também com a participação do Estado.

Dentro em pouco será construída a nova estrada que saindo do Parchal vai contornar a orla marítima até à Senhora da Rocha e toda esta zona terá uma série de construções de casas e vivendas junto ao mar onde há muitos terrenos comprados.

No que respeita a higiene e limpeza da vila, também o assunto vai ficar resolvido dentro em pouco tempo com a remoção dos lixos e dejectos para fora da terra, o que é de louvar por ser esta medida de há muito desejada.

Sessão de propaganda agrícola — Os srs. Joaquim dos Reis Bentes Júnior, delegado da C. U. F. nesta vila e eng. agrónomo Sousa Santos, realizaram na Sociedade Recreativa Artística Lagoense, uma sessão de propaganda agrícola muito interessante com grande assistência de agricultores, sendo focado o amanho das vinhas, riqueza maior deste concelho. — C.

Construção de estradas no concelho de Monchique

Nos Paços do Concelho de Monchique procedeu-se à abertura das propostas das obras de construção da estrada municipal n.º 501: laço de Monchique à Foz do Farelo — 6.ª fase — terraplenagens e obras de arte correntes, num troço de 1.914,04 metros, com início na Ribeira Grande e de construção do caminho municipal da E. N. 265 ao sítio das Taipas — 1.ª fase — terraplenagens e obras de arte correntes no laço entre a E. N. e Cimalhas. Para a primeira, cuja base de licitação era de 519.635\$00, foram apresentadas propostas de Serafim Joaquim Cunha, da Matueira, Caldas da Rainha, na importância de 479.807\$60; de Terbal — Terraplenagens, Barragens e Lavoureira, Lda., de Coruche, no valor de 445.189\$98, com uma variante, de alternativa ao projecto, de 436.917\$98; e de Severino Seco, de Paço de Arcos, no quantitativo de 439.700\$00. A segunda, que tinha por base 235.384\$00, apenas concorreu Félix Mendonça dos Santos, de Borda (Santa Bárbara de Nexe), com uma proposta de 227.348\$00.

As obras agora postas à praça vêm beneficiar grandemente a viação rural daquele concelho, cuja política de fomento neste sector, apesar dos seus reduzidos recursos, se tem evidenciado nos últimos anos.

A 6.ª fase da E. M. para o Sêlo (E. M. 501), seguir-se-á aos actuais trabalhos de construção de um pontão sobre a Ribeira Grande e vai estender-se para além dos 12 quilómetros já executados, servindo uma das zonas mais férteis e ricas daquela região. O caminho municipal para as Taipas irá ao encontro das legítimas aspirações dos habitantes daquele sítio e de toda a população dispersa pelo percurso do referido caminho, dando um maior incremento e valorização às produções e riquezas locais.

JORNAL DO ALGARVE é vendido em Loulé pelo sr. José Isidro Barreto Lamy.

TERRENO PRAIA DE MONTE GORDO

Vende-se CEM MIL METROS QUADRADOS de terreno, situado a 400 metros desta Praia, ao preço de 38\$00 por cada metro quadrado. Nesta Redacção se informa (2.850).



em qualquer sector da vida há um BEM a segurar

COMPANHIA DE SEGUROS

MUTUALIDADE

S. A. R. L.

Seguros de acidentes de trabalho, pessoais, incêndio, viagens, agrícola e pecuária, automóvel, marítimo, terrestres, cristais e outros

LISBOA - R. 1.ª DE DEZEMBRO, 101 TELE. 32 53 63 • PORTO - R. SÁ DA BANDIEIRA, 52. 1.ª TELE. 215 88

SEGURO NA MUTUALIDADE FICA BEM SEGURO

FINALMENTE NO ALGARVE A DISPOSIÇÃO DOS SRS.

CAIXILHARIA EM AÇO GALVANIZADO TAG

ESTRUTURAS EM FERRO

Fábrica: SOMECOL, LDA.

LISBOA

Agente no Algarve: MANUEL CAVACO GUERREIRO, Rua Almeida Garrett, 22-FARO

ARQUITECTOS ENGENHEIROS CONSTRUTORES CIVIS

Aspecto estético agradável Leves e resistentes Acabamento perfeito Duração ilimitada Económicos Não abre juntas Não empenam Não se deformam Não lhe causam dissabores SR. PROPRIETÁRIO Exija CAIXILHARIA EM AÇO GALVANIZADO TAG e diminua as despesas de conservação

Lãs para tricotar

À máquina e à mão

ORLON — MOHAIR — BOUCLE

Shetlands — Tweeds — Australianas — Nacionais

Fantasia — Perlacons — Réfias — Algodões

Cores modernas garantidas — Todas as torções

Enviem-se amostras — Satisfazem-se encomendas pelo correio

PREÇOS DE FÁBRICA

ROSA & COMPANHIA

(FABRICANTES NA COVILHÃ)

ESTAB. EM LISBOA

Rua de Santa Justa, 60-2.º — Telefone 31412

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentários de ENCARNAÇÃO VIEGAS

Campeonato Nacional da I Divisão

Jogar bem, não é só ao ataque!...

O grupo algarvio dispõem das suas «pedras», numa distribuição cautelosa de cobertura da sua baliza, pôde adregar um ponto, sempre valioso quando alcançada em terreno alheio e produzida ainda agradável espetáculo, demonstrando boa coordenação de movimentos particularmente nas evoluções que visavam a neutralização dos atacantes adversários.

Contudo e apesar das coordenadas principais do sistema olhanense se situarem no seu meio campo, a equi-

pa nem por isso deixou de pensar na contra-ofensiva, alongando-se, algumas vezes perigosamente, até à «meta» contrária onde Mourinho carecia de estar atento para obstar a que as surtidas «venenosas» do Olhanense fizessem colar o esférico à rede.

A forma de actuar do grupo algarvio permite dizer que embora jogando sobre a defesa nem por isso a turma produziu má actuação, já que defender bem é também jogar bem!

Campeonato Nacional da II Divisão

Perder golos e depois... soifê-los

Até ao intervalo podiam os pombalinos ter alcançado vantagem expressiva, tantas foram as ocasiões em que o perigo rondou a baliza olhanense e que os dianteiros da casa ingloriamente desperdiçaram.

Ante a ineficácia dos avançados locais, na segunda metade da pugna, os visitantes tentaram o ataque e em face da oscilação dos sectores recuados lusitanistas cuja falta de interligação foi a tônica, surgiram os tentos a forjar uma vitória que esteve ao alcance dos donos do campo, mas que estes não souberam construir.

A resistência durou até ao 42.º minuto!

Foi mesmo ao chegar-se aos derradeiros minutos que o Portimonense viu rir todo o esforço que desenvolveu para alcançar uma igualdade justificada pelo espírito de abnegação e sacrifício denotado por toda a turma.

Procurando desenrolar os seus esquemas em agradável progressão, mas sem descurar o apoio a prestar por toda a equipa na defesa do seu meio terreno, o grupo da Praia da Rocha terá sido vítima talvez de si mesmo ao pensar que o empate não poderia já sofrer alteração. Recuou ainda mais para a defesa e o ímpeto dos montenenses permitiu-lhes o tento vitorioso que sempre se lhes negou quando o grupo de Portimão, «discutiu» a posse da bola em todas as zonas do campo.

Resultado igual para actuações diferentes

Das equipas que se defrontaram em S. Luís, foi exactamente a visitante, a do Luso, a que denotou articulação mais maleável, clara e envolvente, num processo de triangulações sucessivas que embaracava a turma da casa, que nem sequer tentou distribuir simetricamente as suas unidades para contrariar o esquema que o antagonista apresentava no terreno.

Melhor esquematizadas, não surpreen-

Resultados dos jogos:

I Divisão		
Cuf.	2 - Benfica,	5
Sporting.	0 - Porto,	0
Guimarães.	5 - Barreirense,	0
Leixões.	1 - Belenenses,	2
Setúbal.	0 - OLHANENSE,	0
Feirense.	1 - L. Évora,	2
Atlético.	1 - Académica,	0
II Divisão - Zona Sul		
LUSITANO.	1 - Sacavenense,	3
C. Piedade.	3 - Oriental,	0
FARENSE.	1 - Luso,	1
Alhandra.	4 - Seixal,	2
SILVES.	5 - Portalegrense,	1
Montijo.	2 - PORTIMON.,	1
Peniche.	2 - Torriense,	0

Equipas e marcadores:

OLHANENSE: Filhó; Alfredo e Nunes; Madeira, Luciano e Reina; Matias, Campos, Tonho, Casaca e Valter.

LUSITANO: Santos; António Vicente e Gonçalves; Rodolfo, José Pedro e Silva; Nogueira, Araújo, Marco, Brito (1) e Cavém.

FARENSE: Calotas; Remígio e Bento; Vitor (1), Ventura e Valdemar; Júlio, Pehalver, Vinagre, Jaruga e Totó.

SILVES: Duarte; Mourinho e José Miguel; Lóia, Acácio e Bala; Eduardo, José Carlos (2), Lourenço, Graího (1) e Vitor.

PORTIMONENSE: Raminhos; Lino e João Luís; Argumínio, Rebelo e Santos; Medina, Mateus, Tónica, José António e Herculano (1).

CLASSIFICAÇÕES

I Divisão					
Benfica	J.	V.	E.	D.	B. P.
Benfica	18	15	2	1	47-17
Porto	18	14	2	2	45-17
Sporting	18	15	1	4	53-21
Lusit. Évora	18	9	5	6	28-29
Belenenses	18	9	5	6	31-24
Leixões	18	7	6	5	18-24
Guimarães	18	8	2	8	53-50
Académica	18	7	1	10	35-52
Setúbal	18	4	7	7	21-25
Olhanense	18	4	6	8	20-24
Cuf.	18	4	4	10	26-29
Barreirense	18	5	6	9	11-55
Atlético	18	5	1	15	25-47
Feirense	18	2	1	15	15-54
II Divisão - Zona Sul					
Alhandra	18	11	4	5	45-21
Seixal	18	10	5	3	41-27
C. Piedade	18	8	7	5	25-14
Sacavenense	18	7	6	5	28-24
Portimonense	18	8	5	7	29-27
Montijo	18	8	5	7	31-50
Luso	18	6	7	5	26-30
Torriense	18	7	5	6	32-25
Farense	18	7	5	6	26-22
Lusitano	18	7	1	10	32-52
Oriental	18	5	6	8	20-26
Peniche	18	5	5	8	25-52
Portalegrense	18	5	2	11	18-50
Silves	18	2	2	14	17-55

CAMPEONATO DISTRITAL DE JUNIORES

Foram os seguintes os resultados da 2.ª fase do Campeonato Distrital de Juniores:

Portimonense, 6-Silves, 2; Olhanense, 0-Farense, 2.

Classificação final: Farense, 9 pontos; Portimonense, 8; Olhanense, 5; Silves, 2 pontos.

Ficaram, portanto, apurados para representar a Associação de Futebol de Faro no Campeonato Nacional de Juniores as equipas do Farense, Portimonense e Olhanense.



Foram entregues os prémios do Torneio JORNAL DO ALGARVE

No domingo, às 13 horas, efectuou-se no Posto Náutico do Ginásio Clube Naval, um almoço de confraternização de velejadores e dirigentes, que reuniu mais de duas dezenas de convivas. Presidiu o sr. William Thomas Tarrant, subido inglês, grande amigo dos desportos náuticos, ladeado pelo nosso camarada de Redacção João Leal, em representação do nosso director e pelos srs. Fernando Ferreira, José João Castro e Armando Firmino, respectivamente presidente e vogais do júri efectivo pelos donos do campo. Foi embora considerando essa contrariedade, foi o Luso o grupo que evoluiu mais agradavelmente e nem mesmo, quando teve de acatular-se ante a «explosão» do «team» algarvio, a turma perdeu o «norte», neutralizando com eficiência as poucas lúcias e descontroladas tentativas farenseas.

Vitória sem direito a contestação

O quadro silvense foi sempre superior ao longo dos noventa minutos, em que subjugou o antagonista, obrigando-o a refugiar-se no seu terreno para obstar a que as evoluções dos algarvios terminassem em remates capazes de alcançar o fundo da rede.

Três golos se marcaram, outros se perderam e nem mesmo os esboços ofensivos dos portalegrenses perturbaram os donos do campo, que, decididos a ganhar, tentaram-no logo que se iniciou o prélio, sem deixar ao adversário o tempo indispensável para organizar-se.

Taça da Associação de Futebol de Faro - Juniores

Começa amanhã a disputar-se esta prova, sendo os seguintes os jogos correspondentes à primeira jornada:

Lusitano-Farense; Faro e Benfica-Lisboa e Fusetta e Moncarapachense-Esperança.

CANTAR DO GALO

Os suíços e a liberdade

Não há, em sé verdade, povo mais amigo da liberdade que o suíço. O que eles não conhecem é o abuso da liberdade, o qual dissocia e por vezes mata as nações, como a estriquimina que, em doses infinitesimais, é tónico poderoso do coração, e em dose maciça constitui tóxico terrível. O povo suíço compreende a liberdade de uma maneira diferente. Ele faz questão de possuí-la e de usá-la, mas como esses indivíduos que têm pudor de revelar os seus amores, quando outros, menos sinceros ou perseverantes, saem a gritar, de ouvido em ouvido, que amam e são amados pelas eleitas de seu afecto. O conceito de liberdade desse povo é uma resultante do carácter que ele forjou através de muitos séculos e das maiores vicissitudes. Lembremos que ele outrora punia o furto com a pena de morte e em sua velha legislação havia uma sanção severa para os que não dispensavam hospitalidade aos estrangeiros que atravessavam suas montanhas. Do conjunto dessas virtudes e desses sofrimentos nasceu seu entranhado horror ao despotismo, seu culto da liberdade compreendida como a prática da igualdade regulada pela lei.

Para rematar esta palestra, cuja insipidez me haveréis de perdoar, contar-vos-ei um episódio da remota história suíça. Dominavam a região os antigos helvetas, quando seu valoroso chefe, Orgetorix, desencantado da aridez da terra e do clima dos Alpes, os convenceu da necessidade de abandonarem de vez suas cidades e seus campos, partindo, numa estupenda migração, para as planícies férteis da Gália, onde deveriam estabelecer-se, após conquistadas pela bravura dos seus guerreiros. Viu-se, então, deslocar-se todo o povo, levando consigo o que era possível levar, enquanto o incêndio das cidades e povoações enchia o espaço de chamas e de fumo. Ora, uma velha lei castigava de morte aquele que, menosprezando a tradição helvética, tentasse proclamar-se rei. Orgetorix, deslumbrado por seus feitos esqueceu o juramento e cogitou de pôr à cabeça a coroa real. Tinha a seu lado dez mil bravos que lhe ofereciam o trono. Mas aquela gente deslocada de sua terra, e errante por terras alheias e hostis, preferiu os horrores da perda do chefe ao sacrifício de sua liberdade. O intrépido Orgetorix foi chamado à presença do conselho da nação e convidado a defender-se. Era, naqueles descampados e em condições tão adversas, alguma coisa que hoje escapa à nossa percepção. Diante da imensa multidão de seus compatriotas, ele se sentiu humilhado, preferindo o suicídio à vergonha. E os rudes antepassados dos suíços prosseguiram em suas marchas carregando consigo o sofrimento, mas contentes de haver salvo, embora em condições trágicas a bandeira de sua liberdade.

Eis, aí, está por que, meus senhores e minhas distintíssimas senhoras, quem hoje atravessa as fronteiras da Suíça, e levanta o olhar para os picos inacessíveis de suas cordilheiras, mesmo sem ser poeta ou dado a devaneios, tem a impressão de que aquilo não é mais que um punhado de torres e de cúpulas, as torres e as cúpulas do templo erguido ao culto universal da liberdade.

(Prof. J. G. de Lemos Brito, da Academia de Letras do Rio de Janeiro)

Os horrores do fanatismo

Bartolomeu Las Casas, dominicano e bispo de Chiapa, afirmou na sua representação sobre a «Destruição das Índias», dirigida a Carlos V, que subiam a 15.000.000 as vítimas que o fanatismo e a ambição dos espanhóis tinham feito perecer no Novo Mundo. No massacre de S. Bartolomeu, nas noites de 23 e 24 de Agosto de 1572, foram degolados em Paris, em menos de 48 horas, mais de 10.000 franceses, calvinistas, homens, mulheres e crianças; e nas províncias da França, na mesma ocasião, foram trucidados cerca de 40.000 calvinistas, por ordem da Corte, com a aprovação do Papa Gregório XIII. Só o Inquisidor Torquemada, em dozeito anos, enviou às fogueiras 10.000 vítimas, fez 97.000 confiscações e perseguiu 114.400 famílias. No século XVII os irlandeses enforcaram de 40.000 a 50.000 reformados dos dois sexos e de todas as idades, havendo escritores que calculam essas vítimas em 150.000. Na Bélgica, as disposições de Carlos V, em matéria de fé, fizeram decapitar, afogar, enforcar, enterrar vivas ou queimar, de 1526 a 1565, cerca de 50.000 pessoas, ou, segundo Grothus, aproximadamente 100.000. Luís XIV, instigado pelos jesuítas, revogou o edicto de Nantes, o que levou à expulsão da França de cerca de 800.000 reformados que foram levar a outros países a sua indústria e a sua actividade.



Jogos e árbitros para amanhã

- I Divisão**
OLHANENSE-Atlético
Manuel Fortunato, de Évora
- II Divisão**
Seixal-LUSITANO
Ilídio Cacho, de Lisboa
PORTIMONENSE-C. Piedade
Henrique M. Silva, de Lisboa
Oriental-SILVES
Reinaldo Silva, de Leiria
Portalegrense-FARENSE
Inácio Tereso, de Setúbal
Rosa Nunes de Faro, arbitra o jogo Belenenses-Feirense.

VELA

Faro e Benfica, e que se classificaram em 3.º lugar, nesta categoria, foi entregue um troféu, pelo desportivismo revelado e por haverem concluído todas as regatas do certame com o maior brío.

No final, vários oradores usaram da palavra, tendo Wernher Heinen saudado em inglês o sr. Tarrant e agradecido a sua colaboração em nome de todos os velejadores.

Velejadores e dirigentes trocaram amistosos brindes, sendo unânimes as referências à camaradagem verificada no ao êxito que constituíram este torneio. O sr. Tarrant agradeceu as referências e teve simpáticas palavras para Portugal e para o nosso semanário.

Em nome do nosso director, o nosso redactor João Leal, congratulou-se por esta iniciativa ter atingido plenamente os seus fins, agradeceu a colaboração do Ginásio Clube Naval e da firma Quintódio, Lda., que além de dois troféus teve a gentileza de oferecer os refrigerantes que se consumiram durante o almoço de confraternização, frisou a acção do júri e teve palavras de apreço para o sr. Tarrant, afirmando estar o *Journal do Algarve* sempre disposto a colaborar em tudo o que interesse ao desenvolvimento da nossa Província.

Lotaria de ontem

O 2.º prémio da lotaria de ontem, da Misericórdia de Lisboa, n.º 7.850, de 200 contos, foi vendido pela feliz Casa da Sorte, firma nossa anunciante.

JORNAL DO ALGARVE

Vende-se em Lisboa na Tabacaria Mónaco - Rossio

ÓCULOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

por J. ALVAREZ SÉNIOR

Há olhares que parecem estar-nos fitando e, no entanto, têm o seu alvo muito distante. Estão presentes e ausentes ao mesmo tempo. São com esses olhos que a saudade vê.

* O não da mulher representa degraus de uma escada em cujo patamar nos aguarda o sim.

* A juventude do homem não é período de indecisão nem problema de dificuldade nas relações com a mulher. Os seus objectivos resolvem-se às vezes, na penumbra. Não descoñheceis esse estado emocional.

A selecção é voz que se fará ouvir mais tarde.

* Quanto mais se aproxima da maturidade menos resistência oferece o poder defensivo da mulher. Não se atribua, entretanto, o declínio à idade, mas à tristeza de envelhecer sem par.

* A mulher pode amar durante toda a vida. Não lhe faltará adoradores. A famosa Ninon de Lenclos teve-os até à velhice.

* O primeiro vestuário da mulher anunciou o futuro «maillots» e antecedeu a indústria dos tecidos finos com que ela se adorna mais do que se cobre: um singelo aventalzinho, ligeiro e breve, que as mãos de Eva teceram com folhas de videira, para velar os órgãos que acabavam de pecar.

* O homem não busca na mulher correspondência a seus ideais. Ele não os tem. Se, porém, ideal signi-fica desejo, nada mais verdadeiro.

* É incerto o cumprimento da palavra do homem. Demasiado promete para cumprir. A mulher é menos pródiga. O que promete tem um amanhã mais seguro.

* Não deixa vestígios no homem o acto procriador. E na mulher que as consequências se manifestam. O homem retira dela apenas o seu prazer físico.

* A dança é um convite público a relações mais íntimas.

* O primeiro matrimónio humano quem o celebrou foi a serpente do paraíso e consistiu na ingestão do mais velho fruto da terra.

* Ame-te desde que te conheci. Não se devia chamar amor ao sentimento de improviso, mas é o termo de maior aproximação. E depois, jamais nos encontramos. Longos anos passaram, até que um dia nos vimos de novo. Eras tu mesma? Estavas tão mudada!... Tinha rugas na fronte, sulcos profundos nas faces. E quando me olhaste e sorriste, às tuas geníovas faltavam os dentes. Que fúste, minha amiga! Apenas viveste.

* A formosura do rosto e a graciosidade das formas são elementos de sedução que levam o homem ao casamento. Os chamados concursos de beleza reduzem a mulher a centímetros e da proporcionalidade destes saem as misses vencedoras. E o metro linear que decide. Para a mulher, entretanto, vale muito mais o julgamento de um homem, que resolverá o seu destino, do que o de um júri de sumidades em verifícar dimensões.

* Difícil, sendo impossível, ganhar vitórias contra a Natureza. A força incoercível da nossa mãe comum é a dos objectos inanimados, quando se despenham.

* Sem a mulher, a nossa vida seria vã. Nascermos dela, o nosso primeiro alimento dela promana e é com a diuturnidade carinhosa do seu seio, dos seus afagos e das suas palavras de amor que atravessamos os anos da infância.

Nunca será demais o penhor de adoração que lhe consagramos.

* O homem social é a mentira inofensiva personificada. A sua fisionomia verdadeira deixa-a ficar em casa, o abraço do conhecimento estranho. Os mentirosos desse género não são idênticos ao da fábula de Fedro.

* Nem sempre os cabelos brancos exprimem sabedoria e juízo. Há também os que revelam falta de senso elementar.

* A temperança na mesa alimenta o corpo e mantém a saúde.

* Se o casamento pudesse iniciar-se por onde acaba, e terminar por onde começa, a mulher teria nas mãos a segurança da sua felicidade.

* O castigo mais impiedoso que o tempo inflige à mulher é tornar evidente o seu declínio físico na mesma idade em que o homem conserva intactas as suas energias. A vingança que a Natureza tira deste é permitir-lhe viver até à velhice.

* Quando nos enamoramos da mulher, o que mais nos atrai não é a sua formosura, mas a sua mocidade.

* Aproveitemos o dia de hoje, sem perder de vista o dia de amanhã, tirando do presente lastro para o futuro.

* Deve-se contentar com o pássaro na mão quem não tenha a pontaria de Godofredo de Bolhão. O chefe da primeira Cruzada a Jerusalém desfechou o seu dardo contra um pássaro e abateu dois, confessando ignorar se o milagre fora do Céu ou do acaso.

* Não se acasam por gemidos as dores morais; fazem, porém, sofrer mais do que aquelas que nos atormentam o corpo.

CONTRA O MILDIO

MILDOR

FUNGICIDA CÚPRICO ORGÂNICO

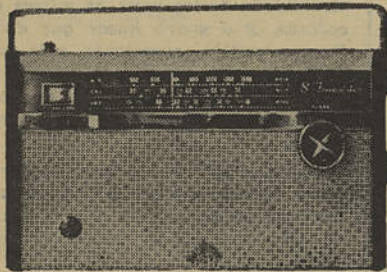
EFICAZ
ECONÓMICO
FÁCIL DE PREPARAR-
NÃO NECESSITA
DE CAL

prefira MILDOR porque MILDOR é melhor

PARA TODOS OS REPARCIMENTOS DEBILITADOS NOS NOSSOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
AV. INFANTE SANTO, 2 LISBOA-3

NATIONAL OS RADIOS TRANSISTORIZADOS MAIS VENDIDOS DO MUNDO.



Grande variedade de modelos.

Assistência técnica garantida com peças originais de fábrica.

AGENTE EM LOULÉ:

José Guerreiro Martins Ramos

São muitos os encargos que assoberbam a Câmara Municipal de Lagoa

(Conclusão da 1.ª página)

190 contos. Há ainda a dívida a diversos estabelecimentos hospitalares que somava no fim do ano 181.146\$90.

Por estes números se verifica que não é nada fácil administrar um município com tantos encargos.

A Câmara está empenhada no abastecimento de água à zona ocidental ou zona industrial do concelho, trabalho sufragado pelo empréstimo de 1.300 contos contraído em 1961. Foi já adjudicada a empreitada da montagem da estação hidropneumática — sistema automático de elevação de água para a parte alta da povoação de Ferragudo e vai proceder-se à montagem de uma estação electromecânica que compreende a montagem de quatro grupos de motores para elevação de água em Estômbar.

Muito embora a obra não esteja concluída foi possível abastecer Ferragudo, Parchal e Mexilhoeira da Carregação com água elevada na estação de Estômbar eliminando-se, portanto, o precário fornecimento a Ferragudo com água de Portimão e estender a rede de abastecimento à povoação de Me-

xilhoeira, Parchal e a todas as unidades industriais do concelho e instaladas na zona industrial ainda não abastecidas.

A Câmara foi autorizada a contrair um empréstimo de 700 contos na Caixa Geral para a aquisição de contadores.

Quanto ao abastecimento de água a Carvoeiro, espera-se que ele seja possível com a ajuda do sr. José Coelho Pinto e da Junta Central das Casas dos Pescadores. De outro modo terá que contrair-se um empréstimo.

Refere-se o relatório também às obras levadas a efeito para melhor abastecimento de água às povoações de Nora e Norinha e à reparação do caminho de Mexilhoeira da Carregação que permitiu melhor acesso às fábricas e ainda às carreiras regulares de transportes colectivos.

No que respeita ao turismo, espera-se que seja construída a esplanada do Carvoeiro, para o que a Câmara dispõe já da participação de 139 contos fornecida pelo S. N. I. As receitas foram de 65.184\$40 e as despesas de 58.521\$80, tendo actualmente o turismo em cofre 59.707\$30.

O capital e reservas do Banco do Algarve fixaram-se em 16.510.000\$00

O relatório do Banco do Algarve revela-nos uma apreciável prosperidade na nossa instituição bancária provincial que tem à sua frente os srs. Sotero Mendes Pinto, Luís Gonçalves Camarada e Manuel de Sá Leão e Seabra. Assim verifica-se que o capital disponível e realizável totaliza 145.758.321\$87; o immobilizado 3.111.625\$70; outras contas do activo, 20.583.064\$43 e contas de ordem, 45.346.944\$93, fornecendo o total de 214.799.996\$93. O passivo é do mesmo montante. Os depósitos ascendem a 125.961.886\$40 e o lucro líquido, o mais elevado até hoje registado, cifra-se em 1.061.922\$73, tendo sido destinados 500 contos para dividendo.



Apontado como um dos melhores de Lisboa

HOTEL FLAMINGO
UM HOTEL MODERNO COM CONFORTO DE PRIMEIRA

NOVO RESTAURANTE E BAR com preços especiais de Inverno

R. Castilho, 41 — Tel. 732191 — LISBOA

Visado pela delegação de Censura



A MAIOR E MAIS MODERNA COLECCÃO DO PAÍS

FABRICANTES

- Lã Mescla desde . . . 80\$00 Kg.
- » Zelandia a . . . 100\$00 Kg.
- » Industrial a . . . 117\$00 Kg.
- » Austrália desde. 120\$00 Kg.
- » Sabrina (Fantasia) a 120\$00 Kg.

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.º FRENTE LISBOA - I

Peçam amostras

Enviaremos encomendas à cobrança

As vacas pretas e brancas quase desapareceram dos prados alemães

(Conclusão da 1.ª página)

valem na estatística que abrange toda a República Federal. No en-

tanto a criação de vacas Jersey faz rápidos progressos. Em certas regiões da Baixa Saxónia, de Schleswig-Holstein e da Vestfália já representam dois terços das existências de gado vacum.

E quais são as qualidades excepcionais destas vacas? Um dos pecuaristas com grande experiência no domínio, o inspector H. Ernst, que vive em Westerstede, deu-nos uma informação: «Trata-se de um cálculo muito simples. As vacas Jersey pesam apenas cerca de 350 quilos ou seja aproximadamente metade do peso das vacas pretas e brancas. Na mesma área em que se alimentam duas vacas pretas e brancas podem pastar três ou até mesmo quatro vacas da raça Jersey. Por outro lado as vacas da raça Jersey produzem mais leite. A sua produção situa-se à volta de 4.000 litros com um teor de gordura de, pelo menos, seis por cento. Há até mesmo animais cujo leite atinge o teor de nove por cento de gordura. Este rendimento só em raros casos é atingido pelas vacas pretas e brancas.

É evidente que o lavrador faz melhores negócios com a vaca Jersey. Recebe mais dinheiro pelo seu leite. É compreensível que a passagem da criação de vacas pretas e brancas para as vacas Jersey envolva certas despesas. Uma vaca Jersey importada da Dinamarca, de bom rendimento, custa cerca de 1.500 marcos (10.800\$00) e criadas na Alemanha cerca de 1.200 marcos (8.640\$). Aliás as vacas dessa raça dão leite um ano antes do que as vacas pretas e brancas. As vacas Jersey exigem um maior investimento; o lucro, é, porém, evidente. Uma vaca preta e branca rende cerca de 1.200 marcos pela sua produção de leite, enquanto o rendimento da vaca Jersey é de 1.500 marcos. Como três vacas Jersey requerem o mesmo pasto que duas vacas pretas e brancas, o balanço a seu favor é de 2.100 marcos. Estes cálculos muito simples bastam para provar que a experiência feita com as vacas Jersey constitui um êxito duradouro. Os pecuaristas alemães já tomaram providências para desenvolver a criação e a exportação de vacas dessa raça.

O aeroporto está em construção e a ponte sobre o Guadiana vai ser um facto

(Continuação da 1.ª página)

leiro, proprietário de uma muito acreditada Residência e não em local que se possa considerar de turismo *optabilis* que a partir de Junho não terá mãos a medir nem casa para oferecer. E em face disto, perguntamos: que fazem os algarvios; que faz o capital algarvio; que faz o brio dos algarvios? Bom, quanto ao brio dos algarvios temos um documento, um libelo que chegaria para os desterrar a todos para as profundezas do inferno se o diabo descendesse em aceitar tal clientela. Assim — e como exemplo dos muitos que se podem apreciar por toda esta costa — não há ainda um restaurante ou pelo menos um grande café na praia de que todos têm ouvido falar: Monte Gordo. Na época balnear tomar ali um café ou dar-se ao prazer de comer uma refeição é coisa quase impossível. Felizmente que um francês e mais um português implantaram o «Madrigal» que serve para salvar as aparências e que procura atender dentro das suas possibilidades. Quanto a Vila Real de Santo António, o melhor é não falarmos nisso! Ora ouçam esta história: o ano passado (antes da época balnear) o gerente de uma importante casa comercial de Lisboa, casado com uma nossa comprovinciana e ligado portanto, por laços de família e por interesses, ao Algarve, desceu até estas malfadadas terras do Sul, ele, a esposa e cinco filhos. Chegou à Vila Pombalina (que ainda não teve a sorte de ser ocupada por beirões) e na dita terra quis comer e pernoitar. Olhou para um edifício enorme que há na Avenida da República, inquiriu, averiguou, bateu a muitas portas, atreveu-se, em última instância, a abelhar-se do Hotel Vasco da Gama e ficaria irremediavelmente na rua, com toda a sua família, se alguém não lhe sugerisse a Pensão Espanhola. Lá lhe arranjaram precário alojamento, em casas que, por estarem fechadas, cheiravam a bafio mas que naquele aperto lhe serviam, poupando-o à cacimba da noite sob o copado dos pinheiros. É claro que depois de tanta diligência e às 22 horas qualquer sujeito sente comichões no estômago. Mas estas não podiam ser suavizadas em Monte Gordo pois a dieta de areia ainda não entrou nos hábitos alimentares. E daí ter partido o paciente e mais a família para a vila fronteiriça na mira de conquistar umas vitualhas para aplacar o que, depois da hora já referida, se pode, sem exorbitância, classificar de fome. Aproveitou-lhe o conhecimento com o dono de um restaurante da Avenida da República. Tinha este ovos, fiambre, chouriço e bolachas de água e sal. Foi o que lhe valeu, a ele à mulher e aos cinco moços para não levarem do Algarve uma desagradável barrigada de fome — antes da época balnear.

E agora, em face disto, nós perguntamos se valerá a pena fazer o aeroporto e se valerá a pena lançar a ponte. Se estes incógnitos não têm cama nem comida (antes da época balnear) para servir os incautos que por aqui aparecem, como atenderão eles a avalanche que trará o aeroporto e a ponte?!

E esta dúvida deve de certo modo preocupar o Governo. É que nos parece inoportuno estar a reclamar uma região, rica, sem dúvida, de virtudes naturais mas detestavelmente servida por aqueles que deviam saber aproveitar essas virtudes — e não o fazem por incompetência, por primitivismo por não se atreverem a abrir os olhos. Dado que a realidade é esta e acontecendo que se endossam ao S. N. I. responsabilidades desta anarquia, tem o Governo na sua mão o remédio — abrir as portas aos estrangeiros que atalham a riqueza

fabulosa do turismo algarvio, ansiosos de que lhes concedam as facilidades de que precisam para montar a máquina.

É certo que certos organismos ainda não perceberam que este pedaço de terra precisa de uma atenção especial que pode não se sincronizar com os seus interesses, que naturalmente não são os interesses da Nação. Queremos nós dizer que tendo aqui o mar à vista, vemos imobilizado um navio, cremos que se chama «Pérola da Ribeira», a quem não se autoriza ir buscar peixe, alimento de que tanto carecemos e que somos forçados a ir adquirir no vizinho país porque aqui não o encontramos. Sempre gostaríamos de saber se isto se ajusta ao lema «a bem da Nação». E finalizamos este balanço su-

perficial sugerindo ao Governo que proporcione aos estrangeiros — dada a moleza dos naturais — as facilidades indispensáveis para que façam do melhor pedaço de costa da Europa aquilo que lhes aprouver, em seu benefício, em nosso benefício e em prestígio para o Algarve e para Portugal.

Cá aceitamos e publicaremos todas as reclamações que concretizem embaraços levantados à iniciativa de portugueses. Se batemos agora na albarda nada nos custa bater no burro. O certo é que isto assim não presta — não presta e é um desprestígio e uma vergonha para nós. E dá-se o caso insólito de ainda não termos perdido a vergonha, o que é bastante incomodativo — mas em última análise reconfortante.

EM LISBOA, DEVE PREFERIR O

HOTEL CONDESTÁVEL

UM MODERNO E CONFORTAVEL HOTEL LOCALIZADO NO PONTO MAIS CENTRAL DA CIDADE

PREÇOS ACESSÍVEIS E ESPECIAIS DURANTE A ÉPOCA DE INVERNO

NO SEU AFAMADO RESTAURANTE SÃO SERVIDAS AS MAIS SABOROSAS IGUARIAS

ÓPTIMOS SERVIÇOS DE BAR E SNACK BAR

Travessa do Salitre (Avenida da Liberdade) — Telefone 33922



FIOS TRICOT

A. NETO RAPOSO

(FABRICANTES)

O maior sortido em cores e qualidades a preço de fábrica. Austrália desde 100\$00, perlapont 180\$00, escocesa, inglesa, robilon, florecente, mohair, fogo de artifício; lólitá; fabiola; ráfia; etc. Não receamos confrontos, nem em qualidades nem preços. Consulte-nos hoje e ficará cliente.

Praça dos Restauradores, 13, 1.º, Dio. — LISBOA — Telefone 326501

Enviamos amostras grátis e encomendas à cobrança

TENHA UM PRAZER NOVO NO SEU NATAL

INSCREVA-SE NO

Supercabaz

"Lisal" Natal

1963

FOI UM ÊXITO O SUPERCABAZ DO NATAL DE 1962

INSCREVA-SE PARA ESTE ANO E FICARÁ DESDE JÁ HABILITADO AOS NOSSOS BRINDES SEMANAIS

PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS, APENAS POR 55\$00 MENSALIS (durante 10 meses)

COM UM PERÚ (vivo), UM GARRAFÃO DE VINHO DE MESA UMA GARRAFA DE ESPUMANTE BARROÇÃO, UMA GARRAFA DE VINHO DO PORTO, UMA GARRAFA DE BRANDY, UMA GARRAFA DE CONCENTRADO SUMOL, UM BACALHAU, UM BOLO-REI, CAFÉ CHAVE D'OURO, CHÁ SAMBIQUE, PACOTES DE FIGOS, PINHÕES, NOZES E AMÊNDOAS (miolo), FRUTAS SECAS SELECIONADAS P. C., BOLACHAS DA FAVORITA, UMA DÚZIA DE BROSAS DE MILHO, UMA DÚZIA DE BROSAS CASTELARES, UM ANANÁS E UMA DÚZIA DE LARANJAS, FRUTAS SELECIONADAS SUMOL, CHOCOLATES E DROPS FAVORITA, CONSERVAS, PUDINS, BRINQUEDOS, BRINDES, etc., etc., e o valioso SUPERCABAZ

Rua Tomás Ribeiro, 12, 2.º — LISBOA 1 — Telef. 555556

SUPERCABAZ «LISAL» 1963

NOME

MORADA

TELEF. LOCALIDADE

Cobrança pelo correio de 1 a 10

EMPREGADO

Precisa-se com carta de condução de ligeiros e pesados para promover vendas e entregar mercadorias, vinhos, licores e refrigerantes. Conhecedor do ramo e das zonas a trabalhar: Baixo Alentejo e Barlavento do Algarve. Guarda-se sigilo estando empregado.

Respostas para J. J. DUARTE, FILHOS, LDA. — Silves.

TAVIRA

Prédios acabados de construir na principal Avenida, vendem-se em conjunto ou separado.

Tratar com José Joaquim Ferreira, Sucs. — TAVIRA, ou LISBOA, Telefone 72 43 35.

Janela do Mundo

(Conclusão da 4.ª página)

Leopoldinos, os Valdemares, as Aldegundes, os Epaminondas...

Mas ainda há os nomes que acarretam grandes responsabilidades, como os Vascos da Gama, os Cabrais, os Albuquerque e todos aqueles que têm mais de cinco apelidos ligados por muitas preposições e conjunções.

De qualquer modo, não nos parece que o nome possa interferir fundamentalmente na psique do indivíduo, indicando-lhe, logo no berço, se deve ser covarde ou destemido, bom ou mau, justo ou injusto. Pelo contrário, acreditamos que um homem chamado Guerreiro até possa ser incansável pacifista e que uma mulher chamada Maria da Paz possa tornar-se na mais famigerada regateira da Praça da Ribeira.

E se assim não fosse quem iria aturar os montes de Ulisses que por aí há, os Afonso Henriques, os Leões, eu sei lá! — não jalandão já nas Rosas, nas Açucenas, nas Dális, e em todas as mulheres que encontramos no nosso caminho e cujos nomes, suaves e delicados, nem sempre correspondem aos originais!

Ah! se tivéssemos possibilidades de escolher o nome! Que confusão não haveria! Todos desejaríamos o nome ideal, dos nossos sonhos, das nossas divagações. E com certeza seria ainda pior. Haveria muito mais Napoleões e menos Joaquims, muito mais Hermengardas e menos Marias. Seria horrível.

Afinal, é melhor assim: baptizem-nos antes de podermos protestar e o futuro que se encarregue do resto.

MATEUS BOAVENTURA

TODAS AS TINTAS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária)

TEL. 63 71 06 — LISBOA-3